

VII TO 5

Rev. VIDA

317

NOSSO GRANDE CONCURSO!

realizou-se a escolha de artistas para o filme "Matinée às quatro"

(VER REPORTAGEM NAS PÁGS. 12 E 13)

ILUSTRADA

GRÁFICO DE ACTUALIDADES



ANO V

PREÇO AVULSO 1\$80 / 3 DE JANEIRO DE 1946 N.º 241

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR:
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR:
PEDROSA MARTINS
PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"
EDITORA, LIMITADA"

«O ESPIRITO E A GRAÇA DE EÇA DE QUEIROZ»



Luís de Oliveira Guimarães, nosso prezado colaborador e escritor elegante e espirituoso, acaba de publicar «O espírito e a graça de Eça de Queiroz», verdadeira e valioso repertório da ironia, por vezes contudente, do grande escritor.

Trata-se dum livro que não pode faltar nas estantes de quantos se interessam pela obra de Eça de Queiroz, obra que o espírito do dr. Luís de Oliveira Guimarães conseguiu ver sob um novo prisma.

«NOITE SEM ESTRELAS»



É um livro de contos e de um novo escritor: Ferro Rodrigues. Contos humanos, pedaços arrancados da vida, são a revelação dum novo que, pela sua primeira obra, escrita em linguagem fácil mas cuidada se afirma como invulgar revelação.

Registamos, com prazer, o aprecioamento do seu primeiro livro.

«HISTÓRIA DA MENTIRA»



Cristiano Lima, nosso distinto colega de imprensa, de colaboração com o sr. Almeida e Sousa, escreveu a «História da Mentira» através os tempos.

Livro que é um verdadeiro tratado da Mentira, e no qual se registam as maiores mentiras da História, escrito num estilo que prende o leitor até à última linha, está, decerto, destinado a um grande êxito de livreria.

Será incompleto — segundo dizem os seus autores no prefácio! Talvez... Mas isso pode até representar, do parte dos autores, uma excepcional generosidade...

«GAIOLA DOIRADA»



Henrique Botelho de Andrade deu-nos agora um novo livro: um romance. Se pode conhecer-se uma senhora pelo chapéu, ou um livro pelo título, neste nome «Gaiola Doirada» cabe, em síntese, a obra. «Gaiola Doirada» é aquela prisão, em que tantos

vezes se fala, que mesmo sendo de ouro, nem por isso deixa de ser um prisão. «Gaiola Doirada» é a história sentimental duma rapariga reclusa numa prisão destas. O livro lê-se com interesse; está escrito numa prosa clara, sem «bõton», nem ucráns, e mantém os créditos do autor — que passaria pelo literaturo com o mais convicto dos «enocuers».

H
M
P
R
O
R
B
E

AO CAPITÃO VELOSO ESCLARECIDO E ZELOZÍSSIMO DIRECTOR DA PENITENCIÁRIA DE COIMBRA

PEDRO Cabanas era o rapaz mais igual aos outros rapazes que se pode imaginar. Aos dezasseis anos tinham-no por competente, pelo menos tão competente como qualquer filho-família, de fazer uma marotoeira bem feita, bifar uma melancia, cortar o pé dum sacho no soute do quartilho nas vendas, além de não ser fumador, passar por liso nas contus e incapaz de ir nas trevas da noite mudar os matros a partir com o vizinho. A essa altura, já o pai lhe comprara umas botas de beçeira, com salto de prateleira, e relógio de praia, objecto que constituía até certo ponto diploma de maioridade. De facto, não cabia em si no dia que se viu de relógio no peito dentro da bolsinha de malha, com borlas catadas a saltitar fora da algibeira, e a respectiva corrente de duas cruzetas voltadas de prata, tranqueta metida na casa do botão, e a enfeitar-lhe o colete de saragoça. Era-lhe devido, não havia que dizer, na qualidade de lavrador, e mais sempre pontual e texto à labuta. As sementeiras de outono são asperas de roer com os carros de estrume a carregar de noite a sair antes do canto da tutineira, a atrolhar enquanto há terra, às vezes de sol a sol. Os renovos da primavera, e as carretas no estio não o são menos, embora tenham a alegrar-lhes a lufalufa o moteto do cuco e da cigarra. A tudo êle acudia a tempo e horas, tão bem ou tão mal, que o velho, que era a somitárida em pessoa, não se julgou no direito de lhe não fazer outras vontades. Pois se todos os dias a tempera tinham relógio, êle havia de ficar atrás!

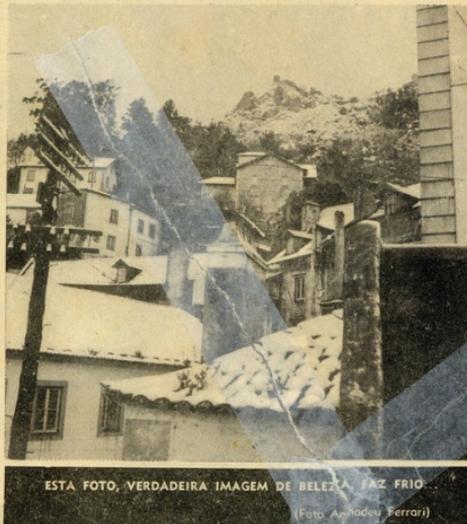
Mas qual a pouca sorte que logo na segunda manhã passasse pelo desconcerto de o sentir parar, os ponteiros tão hirtos, que nem à mão de Deus Padre decidiram pôr-se em marcha. Envergado, calou-se muito calado com o desastre, aguçá dos seus dedos de taboeteiro lússos quanto à força que era necessário empregar ao dar corda. Os domingos que se sucederam, fugiu de tirar a cebola do bôlo. Quando lhe perguntaram os demais rapazes: — No teu quantas são? — Falta dez réis para meio tostão — respondeu ao despautério.

— Surrida, que não sabe ler as horas! Não saberia, de facto, logo à primeira acertar com a hora justa, mas contando de meio-dia para baixo 1, 2, 3... poderia errar, se errasse, nos minutos; nos minutos apenas. De resto o relógio era um luxo bom para fidalgos, que são ignorantes. Êle não precisava. De noite-lhe muito bem as horas pelo Sietestrêlo e as Três Marias, dia pelas bombas das paredes. Nunca se enganava.

Chegada a idade militar, foi às 5 e não obstante o pai agarrar-se à casaca, senhor administrador, a quem mandou um perna de vitela por uma vez e dois cabritos por outra, ficou apurado. Os Cabanas lamentaram a bôca grande a peita perdida e a pouca sorte.

— Que queres — dizia-lhe o mau padrinho com uma gargalhada alvar — o teu filho não é gente, é um cavalo. Como cavalo, vai para a tropa. Mas foi aos números e, nega, saiu livre. Entrou na terra a deitar foguetes como fuzil nos mais anos os mais maneños, uns que escapavam à mochila, outros que se queriam embelhechar com o estroendo e a vinhaça. Também êle, para não fugir à regra, se emborachou. O que é, não passaduma piele comêda, com que ninguém leve nada, salvo a mãe que se viu obrigada a levantar-se de noite, a fazer-lhe um chá de cidreira, sendo o desinfeliz vomitava a cama das tripas.

E o ritmo da sua vida, que sofrera quebra immoderate regimental, mudadas lússos e mocas de porta aberta, tarimba e rancho, sargentos que tinham a falar de grosso como os padres na quaresma — regressou à antiga calibania, morosa como o passado bôlo. De sol a sol os dedos só despetavam da enxada e rubica a curta hora em que, equilibrada a malga do caldo na palma da mão, se quebra e com o garfo na direita arpoava os feijões, e de



ESTA FOTO, VERDADEIRA IMAGEM DE BELEZA, FAZ FRIQ.

(Foto Amadeu Ferrari)

grandes sôrvos engolia a ôlha de unto, à lareira, e fazia furo, ou espacouço nos degraus do patim com os dias grandes e o sereno das noites cãlidas. Os Cabanos não tinham medo dos dias santos, e guardo quebrava as escuinas pela adoleta com os parceiros, molnava pelas tabernas, e não se feria a ninguém, nem desentava. Era na vida de namorar e de-seu a fazer ôlha às moças e, quando elas se amparavam no meio. Elas saíam-lhe a mão com melado tagates:

—Cadeio, largal!
Pelo amor de tôno, aquele primeiro inverno de maioridade, quem o quisesse procurar fosse nos serões. Havia de quedar solteiro tôda a vida, e a mãe, pela maioridade, não quer a coisa, pô-se a rentar à lingela, que morava na casa de frente, era filha única e tinha ali, grande coisinha de ser. Morreram os pais. O pai, mas a vida que nacera girota e não deixava perder um grão nos collettas, tão bem trabucando o tempo como ao teu, soula temas, conta de desfortuna. Não só não alienava um elo de terra, como a rapariga trazia boas argolas nas orelhas, um grão de contas ao pescoço. Ela e ela, vizinhas de porta com porta, haviam sido criadas nos mesmos folgoes e vadagem, as amoras pelos silvados, a espremer copitas nas covinhas das pedras quando armavam a marido e mulher, as sanchas na devida altura, em corrinças, ora e sempre pelos queijos e a vârzea. Eram como a barça com o pilão. E porque assim fosse talvez, digna-se-lhe que ela o não engrava com olhos desgradados. Em verdade, como êle a partir de então se fosse encostando a ser por festas e em outros dias, não havia de fazer de esquivar-se.

Pouco a pouco semelhante concreto passou a de mais, e a lista antes de êles próprios se capacitava na sua extensão. Quando perceberam, assentaram coisado e com Deus, que se desentava, e tinham os outros tôda para outro. A voz do sentimento juntava-se a voz da conveniência. Os Cabanos, além de mais, havia de fazer a vida, eram gente limpa e estimada, se bem que a tia Maria Cabanas passasse por mulher de mau gênio em sua sorte, mas grande, e que havia de fazer a vida negra à mulher que pisasse o soalho da sua casa como Nora. Mas como só eram quatro os filhos, e a terra a lotação dos casais botava em regra para cima de sete, ficaria ali tôdo bem, se não melhor, do que se les dessem a mesma coisa, a família deê.

Assim, com tal política, se atou o enredo amoroso de parte a parte. Nos serões, como nas corrinças, as portas eram abertas, um ao pé do outro, e nos sarambejos já tôdas fugiam de ser seus pares. Por sua ausência de Inês, o velho não podia contar outra, o tabefe era infalível: —Ora vai bater a outra porta que aqui não há bem a fazer a mendicantes!

A casa dos Cabanos não era das mais ricas nem das mais pobres do lugar. Tinham uma junta de vacas, burra, e com a venda do leite para a descaadeira de leite do seu vício e dois sacros de cento empreitados à onzena, lá iam atamancando a vida e trazendo farinha o açafate. O burel da roupa de côte davam-lhe as ovelhas e linho e estôpa das camisas e fraldas, a boa terra de lidade, que não havia na terra outo de igual sorte. Por tôdo isto, na festa do oratório, as bodas e entradadas, se boquejava com certa invejidade dos Cabanelhas.

—Aquêles migam giro no caldo — o que significava um privilégio nada banal para moradores da terra pobre e bárbara.

—Tenho quatro filhos...—alegava o velho Cabanas a quem lhe censurava os hábitos apertados de ganho e aforraçantes. Sim, eram quatro, Pedro, Filomena, Jeremias e Antônio. A Filomena, rapariga de truz, mais dum a trazia o nome, e a Jeremias, andava a estudar para o morgado de Covas, que uns dias por outros ali aparecia, por entalado debaixo da perna, chamando a mãe a trazer a calça e o que tinha de vestido de garranhino, um fouveiro de galdrappa de pele de vitela e burr entrançado em requêdo. O velho, desse êle cuidado com o gerfate, que lhe la caracolado diante do janelo, depois queixasse-se: O velho, que a não perdia de vista, romava:

—Juzinho, menina! Aquêles é chibo que gosta de deitar a boca às vergoentas terras e passar adiante.

O chegante era o Manuel, um rapazola que já dava o seu trólio bem dado, malhava uma estrada como se a siba, mandava o mangual, a promessa por outo fura-vidas igual ao pai e ao irmão, sem tirar nem dar. Todos na terra não aspiravam a mais do que o que a parecência, e uns nam os outros, como vinha de geração em geração desde o fundo dos tempos, isto é, a ter um vinte e três filhos e o seu quinto filho, e este lençóis na arca para receber o Senhor em dia de Pascoa e para o caso de se cair doze, e neste caso, a mãe, o amor, boa mesa, filhas, relações, não passavam de meros acidentes na jornada que convava o dia em que se mentava se via de calcões rachados atrás da mãe a pagaguear: mãe, pai e acabava no cemitério entre as suas duas partes de curral. Mas nem pensavam nisso a valer.

O rapaz mais novo era o pastor. A geração tinha dado um salto de quatro anos desde Jeremias até êle, Tônio, lá nos doze anos e arranjara meio de não pôr os pés uma só vez na escola. A sãmba, em compensação, aventar uma lura de coelha lá onde o Diabo mal a sonhava, e pegar pássaros de mil modos e feitos, com coitelas, esparradas, las, subir como um esquilo so mais alto carvalho, e pelo monte sugar as cabras dos outros, dettado

de costas, mais capeloso e mamão que um cabrito. Sobretudo, sabia trazer a manada nédua e com gozo como nenhuma. Onde chegassem, os carneiros do Cabanas davam mais meia moeda que quaisquer outros e os belros do seu rebanho avantajavam-se a todos os mais em sedoso e espesura.

Na adoleta o Tônio era temido e admirado como o primeiro ratorneiro em matéria de pastoreação. Como moravam à desbanda do povo, o meliante deixava baixar a noite e metia o gado onde lhe parecia que podia faltar a marca, lameros, couzadas de tôjo e giesta, e até nas leiras antes da febreira começar a encerrar, o que podia causar atrazo, mas não prejuizo irreparável à seara.

Tinha pé leve e trazia o rafeiro tôto bem enalado que era só êle soltar um silvo e o bicho é que se encaregrava de fazer evacuar a fazenda pelo rebanho enquanto se abre a mão e se fecha. Houve pessoas que se benzuram ao presenciar como o ralo do cilo mordia o jarrete das cabras que não despediam suficientemente ligeiras ou continuavam desceuidadas pelo mat. Deste jeito, não havia forma de lhe lançarem coima.

Um dos que mais bramavam contra o rebanho do Cabanas era o Luís da Amélia, o tarraco dum homem, grosso, bexigoso, cabão, que viera para ali agarrado às fraldas duma rapariga que estava a servir no lugarejo, que lhe fôra lura. Trouxera a camisa pegada ao corpo e, poucos anos depois, era, meio jornalista, meio lavrador, dono duma vaca que trazia de parceria com outro e de duas barroselas compradas na boca do lóbo. Um adrega! Ninguém na localidade lhe levava a melhor a agenciar a vida. Muito metido consigo, dentes tôdo aducos como as unhas, era sujeito para engolir um sapo vivo se tivesse palpite de que lhe nasciam favas na horta sem precisão de se acemar. Entre outros vilões, possuía a tapada na carreira dos gados, metade a sementeira, a outra metade a tôjo e cofolesos, donde ano após ano retirava dois carros de matoico com que lastrava quintil e corthelos. O Cabanas pequeno, as duas por três, passava-lhe a tapédia a fio de espada do dente de cabra, mas caçã-lo lá, nem por sonhos. Mais dum vez ameaçava:

—Se entra na Valdoira, e eu chego na hora, quantas réas apanhar quantas vão para o Lindoso.

—Vocemê não se quer virar? que lá a ri-par-lhe o meu gado? Sargãos. Sargãos têm eles no monte melhor do que me é de seu.

O Luís da Amélia, mal a noite baheava e sempre que a tabransa o não prendia, enrolava-se de capucha e sucho de péta debaixo do braço, e ferra só a luzir, encobriéndose ora com as paredes, ora com as matas, a vigiar a fazenda. Mas, bem que andasse mais subtil que os fantasmas, nunca lograra surpreender o gado do Cabanelhas dentro dos seus muros. Ao avançar em campo de-coberto, encontrava invariavelmente a pastar peio baído que havia à volta e o rapaz entro-

nhado à banda como guardião que não deve nem teme.

—Dizia a Amélia para o seu homem em tom de dupla:

—Esta bouça há-de ser a tua desgraça! Deixa lá, sempre as cabras ali entraram e nunca faltaram as roçadas à conta.

—Quem paga os tributos, sou eu ou o Cabanas? — pergunta o velho. —êle. —Se te parece, vou deitar-lhe a matriz!...

—Já meu pai dizia que aquêle chaparral, se não estivesse no corredoiro dos gados, valia ouro. O que eu e não queria é que te tomassem de rixa com os Cabanas. Torna sentido, olha que a mulher é uma peste!

—Deixa ser. Ela, êles, qualquer um, topeem homem. Jurei que havia de deslondrar lá duas ovelhas e não descanço enquanto o não fizer. O que lhes vale é o refinou e o ladrão do rapaz serem como os trosgos!

E o Luís da Amélia continuava a rondar a propriedade. O diabo é que, palavra puxa palavra, sucedendo-se dali uma contumélia, mais danada não podia ser, fértil em bate-lingas, impropérios, achincalhes, protestos e ameaças, numa palavra, todos os vícios heróico-burlescos, próprios de gente atolada em orgulho e vã do entretenimento. Certo dia o Cabanas foi encontrar um cavallinho chapodado a meia altura na sua regada do Corpo. Não se acanhou de dettar brando:

—Foi o safado do Luís da Amélia. Cortou-o para estabulho. Idees vôlo um dia dêstas a estonar no forno.

Outra vez foi o Luís da Amélia que, ao chegar ao basto da Fabarba, deu fé que lhe tinham cortado umas dúzias de estacas. E por seu turno levantou grande e desabalado escarvão:

—Fôram os Cabanas. Tereç o coma. Apanhe-os a deulhar as varas. E para esteios da parreira. Ladrês!

O Luís da Amélia tanto fez, tantos passos andou, tanto retrôs tornou e destrouze que conseguiu surpreender na sua fazendinha uma ovelha manca e uma cabrita do Cabanas. O rafeiro do rebanho, como êle desantasse a espantar as rées, atirou-se a êle e esfrangilhou-lhe a capucha. Enfurecido, o Luís da Amélia correu sobre êle de sacola feita, mas mais fácil foi ao subujo furtar-se do ataque do homem com seus saltos e largadas repentinas, do que êle tocar-lhe sequer com uma pedra. Acouteceu, no entanto, que ao corralhe as voltas, o cão acerte-se atral o agressor para o sitio onde estava o zagal. Ora, foi o que o homem quis. Com duas lambadas pelas costas atirou com o pequeno a terra. Êle, mais rabioso por se ver prostrado do que doido, rompeu em veementíssimo berreiro.

(Continua na página 16)





A cerimônia assistida por uma importante suboficialidade alemã, Maria Bernadé é coroada rainha.

Esses fatos, agora encerrados, são o casamento de Gretl Braun, irmã de Eva Braun, que se dá no casal, a última hora, com o Führer.

Gretl Braun casou com um general russo, que ficou, portanto, sendo casado de Hitler. Titular de Plamen, Fogel, general do Exército Alemão, é o seu noivo, com o nome de Eva, noivado de grande importância. Ao mesmo tempo, o casamento foi solene. E acabou, de fato, em plena alegria. Mas — quem de fora, lembra?



HITLER TINHA UM CUNHADO



O casamento foi celebrado por Himmler, em sua qualidade de um dos mais altos funcionários do exército.



Maria Bernadé se casou, noivado e filha — a filha católica, esposa de Hitler.



Os músicos tocam para Eva Braun, que parece deliciada com a música.



Eva Braun depois com o noivado.

O lado novo sentimental.

Os segredos da imprensa alemã.



Com o casamento, comemora-se o fim da guerra. Os noivos estão já em casa. O noivo é o Führer, a noiva é a filha de Hitler.



As irmãs Braun casam. Hitler, desolado. Talvez tenha sido assim de Hitler e a noiva, apresentada com o noivo de guerra.



Eva depois de ser irmã — a filha de Hitler. O casamento é o momento da vida mais importante da vida de Hitler e a sua esposa.

HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXIX

A superioridade dos aliados afirma-se

ANTES que o mês de Fevereiro de 1943 terminasse, o marechal do Ar, Arthur Harris, comandante da aviação conventiva enviou às tripulações do seu comando uma mensagem de congratulação e agradecimento pelos resultados alcançados durante as últimas semanas, e sobretudo depois do início do ano novo. Essa mensagem dizia o seguinte: «No seu conjunto, o mês de Fevereiro aparece assinalado por um progresso decisivo na nossa acção aérea. É de crer que essa acção não mais se deterá».

Harris tinha, certamente, as suas razões e um fundamento seguro para fazer essas ouvidas promessas numa altura em que a Luftwaffe, apesar de tudo, constituía ainda uma ameaça séria para a Grã-Bretanha, e a indústria de guerra alemã, apesar de enfraquecida, era ainda um factor de importância capital no jogo da guerra. As razões em que se fundamentava o seu optimismo eram, porém, de tal forte evidência que certamente as sentiam todos aqueles a quem a mensagem fora dirigida.

Entre essas razões, havia uma ainda fresca na sua memória. Nos dias 29 e 28 de Janeiro, a R.A.F. fez uma demonstração do seu poderio, enviando ao continente dois mil bombardeiros, que atacaram, com uma eficácia sem precedente, os objectivos militares e industriais que lhes haviam sido assinalados. Antes disso, os ataques da aviação de bombardeamento britânica a Brema, Nuremberg e Colónia, levados a cabo entre 21 e 26 de Fevereiro, tinham-se caracterizado por uma violência inesperada, a qual servia para atestar que os preparativos dos Aliados no ar intensificavam para as grandes provas que não tardariam, certamente, a surgir.

Aquilo que oito meses antes fora, em Colónia e no Ruhr, uma experiência coronada de êxito, tornara-se, entretanto, a rotina do serviço da aviação britânica. De futuro, todos os dias voariam sobre a Alemanha e os países ocupados, milhares de aviões que despejariam as suas cargas com uma regularidade matemática, destruindo implacavelmente as cidades e os centros de produção que alimentavam a máquina de guerra alemã onde quer que eles se encontrassem e qualquer que fosse a natureza da protecção preparada para evitar a sua destruição total e irremediável.

QUANDO A R.A.F. COMEÇOU A DESPEJAR CARGAS DE MIL TONELADAS SOBRE AS CIDADES ALEMAS

O mês de Março de 1943 viu acentuar-se a tendência, revelada no mês anterior. A um ataque inicial de grande violência, levado a cabo sobre Berlim logo no dia 1, seguiram-se ataques igualmente violentos contra Hamburgo e Essen, dois objectivos frequentemente visitados pelos bombardeiros da R.A.F., que haviam paralisado quasi completamente o movimento nauqueio importantíssimo pôrto e diminuído, em proporções sensíveis, a produção na região industrial do Ruhr.

Pela primeira vez se registaram ataques feitos com cargas que totalizavam, em relação a cada uma das cidades atacadas, mais de mil toneladas, o que equivalia a um «recoar» na técnica dos bombardeamentos aéreos, a qual não cessava de se aperfeiçoar. Muitas das cargas lançadas eram constituídas por bombas incendiárias de modelos novos que produziam enormes estragos nas áreas atacadas. Mas as perdas registadas em alguns destes «raids», apesar de diminutas quando se considerava a extensão dos ataques realizados, eram mais elevadas do que aquelas que anteriormente se haviam verificado.

Durante a segunda semana de Março, Munch sofreu um ataque violento, durante o qual foram lançadas sobre a cidade que era o berço do nazismo, mais de quinhentas toneladas de bombas. Um dos edificios da cidade que ficou mais danificado, em consequência deste «raid», foi a famosa Casa Castanha, sede do Partido Nacional-Socialista.

Na Câmara dos Comuns, onde fez revelações curiosas sobre o carácter que a guerra aérea estava assumindo, o ministro do Ar britânico, Sir Archibald Sinclair, descreveu pormenorizadamente a natureza das operações recentemente realizadas pela R.A.F., e fez, a propósito do ultimo ataque a Essen, algumas considerações de incontestável interesse. «Estamos em vésperas de possuir na Grã-Bretanha — disse — o maior número que é possível conceber, tanto em aparelhos como em tripulações». Durante o mês de Fevereiro deste ano, centenas dos nossos bombardeiros atacaram, incesantemente, objectivos industriais que existem no Reich a fim de os destruir. Esta promessa seria cumprida, sobretudo



Sir Archibald Sinclair, Secretário de Estado do Ar

depois de a participação da aviação americana nas operações da Europa, se tornou um factor decisivo da vitória.

OS ATAQUES DIURNOS DA AVIAÇÃO AMERICANA PASSARAM A SER FEITOS COM UMA REGULARIDADE MATEMÁTICA

Aquilo mês de Março foi ainda assinalado, no domínio da guerra aérea, por outros acontecimentos dignos de menção especial. Os ataques à região industrial do Ruhr intensificaram-se e, depois do que fora realizado no dia 6 e que Sir Archibald Sinclair no seu discurso considerou como tendo sido o de mais vastas consequências para a indústria de guerra alemã, outro se realizou no dia 12 com resultados idénticos. Para os Aliados tratava-se de inovar a ofensiva da Alemanha, cuja produção contribua, decisivamente, para fazer a primeira guerra mundial e que continuava a pesar na condução da segunda.

Também foi no mês de Março de 1943 que os chefes da aviação norte-americana destacada para o teatro de operações europeu deram por findas as suas experiências para a realização sistemática de «raids» nocturnos com um ataque formal aos seus bombardeiros a uma base de submarinos instalada na costa da Noruega. De futuro esses ataques diurnos passariam a ter o mesmo carácter cotidiano e sistemático que foi caracterizada os ataques nocturnos da R.A.F. sobre o Reich e os países ocupados do continente.

Antes que esse mês terminasse, registaram-se novos ataques em grande escala a diversos centros de produção alemã, especialmente a Berlim e Bochum, sendo igualmente atingida a cidade holandesa de Rotterdam, que desde o início da ocupação dos Países Baixos desempenhava um papel de primeira ordem na economia de guerra do Reich e na condução da guerra por parte da Alemanha. Essa circunstância explicava a intensidade dos ataques que a aviação aliada passaria a fazer aquêle pórtio holandês que foi sem dúvida, um dos que mais sofreram com a guerra.

Os resultados conseguidos em Fevereiro e Março, e sobretudo a extensão dos preparativos feitos pelos Aliados, eram de molde a justificar amplamente o optimismo que resultava da declaração do marechal do Ar, Arthur Harris, e do ministro da Aeronautica, Sinclair, os quais, num encontro do senado do pòrtio que cada vez se afirmava mais vigorosamente nos países anglo-saxónicos a favor dum accôrto entendi-do, continuou no sentido de quebrar a resistência alemã que continuava a manifestar-se em muitos aspectos a notar-se em certos sectores da população do Reich.

NO MES DE ABRIL, DE 1943 FORAM LANÇADAS SOBRE O TERRITÓRIO DO REICH VEZES MIL TONELADAS DE BOMBAS

Durante os meses seguintes, os ataques sobre a Alemanha e os países ocupados efectivamente intensificaram-se, como havia sido anunciado. Em Abril registaram-se «raids» de extrema violência, que se prolongaram num ritmo crescente, de que dá conta a seguinte indicação das principais operações que foram levadas a effecto: Essen (dia 3); Kiel (dia 4); Ruhr (dia 8); cidades do sudoeste (dia 10); Stuttgart (dia 14); fábricas Skoda, na Checoslováquia (dia 16); Mannheim (dia 18); Stettin (dia 20); Rostock (dia 31).

Além destas cidades, Berlim continuou a ser um alvo preferido dos aviadores britânicos. O mês de Maio viu a continuação da ofensiva por parte da aviação de bombardeamento americana, que atingiu, entre outros, nestes meses, os seguintes objectivos industriais do Reich: Dortmund (dia 4); Duisburgo (dia 12); Boulogne (dia 13); Velsen (dia 14); novamente Dortmund (dia 23); Düsseldorf (dia 25); Essen (dia 26); Iena (dia 26); Wuppertal (dia 29).

Nestes dois meses a aviação americana não deixou de fazer sentir a sua presença nos «raids» diurnos, cuja intensidade ia aumentando à medida que o tempo decorria. Assim, em Abril os americanos realizaram ataques violentos contra os portos de Boulogne e Saint Nazaire, e em meados do mesmo mês sobre Bremen. Entre os objectivos industriais do Reich que os bombardeiros americanos atacaram à luz do dia contavam-se Duisburgo, que foi uma das cidades mais visitadas e atingidas durante esse período de actividade aérea. Em Maio, os «raids» diurnos dos americanos alargaram-se a Kiel, a Flensburg, a Emden e a Wilhelmshaven, proseguindo a sua acção sobre a França ocupada, onde se registaram ataques de envergadura a La Pallice, a Rennes e a Saint-Nazaire.

As actividades aeronauticas em abril chegaram a tal ponto que os britânicos calculavam que só em território do Reich, com exclusão das cargas lançadas sobre os países ocupados, cargas que totalizavam dez mil toneladas. Este número, extremamente modesto quando se compara com as cifras atingidas na fase final das hostilidades, era naquela época, impressionante. Mas as perdas sofridas pelos aviadores anglo-americanos, especialmente durante os ataques diurnos, passaram a ser mais significativas e o que se justificava amplamente pela pertinência com que os alemães procuravam melhorar a sua defesa contra os ataques aéreos.

(Continua)

Comunicação Marítima e Navegação

AO SERVIÇO DO IMPÉRIO

Continua a fazer intensamente o tráfego de passageiros e de mercadorias entre Portugal, a África e a América

PARA INFORMAÇÕES:

Sede: RUA DO COMÉRCIO, 83
Lisboa - Tel. 23021 a 23026

Secursul no Pòrto:
R. INFANTE D. HENRIQUE, 73
PORTO - Telefone 1434

A doutrina política tem sido, em certas épocas, uma forma nobre de literatura. Não me refiro já aos grandes escritores que se têm ocupado de questões políticas ou áquelas que têm procurado na utopia social, desde Platão a Anatole France, um refugio contra a sua insatisfação de pensadores e de artistas perante a realidade humana. A verdade é que grandes doutrinas políticas têm sido grandes escritores, e que a politica, na sua acção mais larga, é uma modalidade sedutora de pensamento e de arte.

Na literatura portuguesa são raras as expressões elevadas de preocupações políticas, embora Alexandre Hercolano tenha ensinado o seu verdadeiro rumo nos tempos modernos. Exceptuando Antero de Quental, Oliveira Martins, Raúl Penha, António Sérgio e poucos mais, os efeitos desse apotolado, que nem o refugio protestatário de Vale-de-Lobos fez calar, têm sido sensivelmente pobres. Mesmo nos melhores não é tanto a filosofia politica como a actualidade politica e moral que tem constituído a solicitação de espirito predominante. A primeira consequência de tal facto é o baixo nivel em que se mantém o pensamento politico e mesmo a acção politica em Portugal, pois são raros os que se deixam tocar — ou são capazes de ser tocados — pela feição moralista e cívica da literatura politica. A argumentação, ou até contra ella, vem poliar os retóricos, os arrastados, os exasperados da suggestividade fácil do português vulgar, pescando na água turba de pseudo-ideologias e na poder sedutor das palavras «mágicas» sem conteúdo, as conveniências suspeitas das suas ambições oportunistas. Seria bem necessário que a casa ostentada dos piores na literatura politica se opusesse agora — quando em toda a parte se procura renovar a acção ideologica — ao trabalho esclarecedor, desassombado e sério dos doutrinadores que o sabem ver.

FAÇA DE PAPEL

* A Livraria Atlântida, de Coimbra, incluiu com um volume de Steinbeck a sua «Antologia do conto moderno», oportuna e atraente coleção que por todos os motivos merece agrado dos leitores. O segundo da série reúne contos da escritora norteamericana contemporânea, conhecida Parker, cujo inconformismo, ironia vigorosa e sentido intelligente das mais justas reivindicações literarias lhe conferem lugar especial na literatura do seu paiz. Os contos, em estilo conciso e directo, são precedidos de um prefacio compreensivo e exacto de Victor Palla. A tradução, de Linda Loubet e Raül Roque, é simples, leve e agradável.

* A Colmbra Editora publicou em tradução de José Maria Gaspar o romance humorístico de Edmond About, «O homem da orelha quebrada». Como o traductor acentua justamente no prefacio, é este um romance característico da literatura franceza — no seu sector mediano, sem novidade — e do velho espirito...

cade. Não é uma obra de grande nivel, mas tem a leveza, a graça bem composta e algumas vezes a séria visão da realidade nas coisas humanas que é habitual no bom humanismo francez.

A. Jactno Júnior publicou sob o titulo «Moscos» uma colectanea de sonetos e outras poesias em que revela facilidade e equilibrio, certo sentido lirico da vida e uma forma poética antiga, lembra muito vezes boas criações do pretérito simbolismo. Os ecos de Eugénio de Castro parecem, por vezes, muito transparentes. Alguns dos sonetos são bem acabados e nêcos, como nas outras poesias, há um ritmo certo e de cadência suggestiva que compensa a frequente falta de originalidade destas versas.

LIVRARIA ECLECTICA LIVROS NOVOS E USADOS Compra grandes e pequenas bibliotecas Calçada do Combro, 58 — LISBOA

«A TRAIÇÃO BURGUESA» por Roldão Preto.

Como escritor politico — e não importa tratar aqui do seu caminho e das suas provas como homem de acção — tem o autor deste livro, pelo menos, um motivo para atrair a atenção dos seus contemporâneos: é de, sem dúbida, o mais contraditório, o mais desconfiado e o mais desconfiançoso dos trindários que entre nós debatem as suas concepções. Não se sabe ainda quando se desvendará o intuito de facto da pregação deste homem, amarrado manifestamente a uma mentalidade «fascistista», própria de grandes senhores agrários, mas pugnano sempre por uma revolução que não se sabe o que quer, para onde vai, nem onde se fixa. Roldão Preto continua a agir além da democracia, do comunismo e do fascismo; pretende estar acima dos partidos, «agredindo com essa lavra revoluçães que Mussolini, há mais de vinte annos, mostrou servir para tudo; e nem sequer uma doutrina de morte transcendente vem tornar comprehensivel uma posição que parece ter como única supporto lógico a negação ou a affirmação simultânea de todas as outras.

Neste seu ultimo livro, mais ou menos panfletário, ardoroso e febril, a confusão atingiu proporções inultrapassáveis. Consegue-se por não perceber a razão porque não intuiu antes «traição do capitalismo» a sua ditadura contra o espirito de cupidité, de egoismo e de ganância vil que estende ao longo de trizenzas páginas, entecabeados — exclusivamente na burguesia. Logo por aí teria ganho um pouco mais de expressa sinceridade e também de carência para este livro que, nas suas páginas mais justas, poderia ser sancionado por quaisquer ideologias com um mínimo de fundamento moral. E para a terra, misticamente evocada, para o espirito da lavoura que a sua mentalidade de feudal apela — sem, por outro lado, condemnar expressamente a universalização da máquina que virá a eliminá-la — o «milagre estudado em longo tempo» ruralista? portuguez — coisa que não se percebe como forma de vida — e a burguesia — parece-lhe ser a aliança de tudo o que entre nós se tem conhecido — e que não se sabe, em contraste, parece-lhe ser a «aventura» das suas linhas de força» na burguesia, justificando as empresas imperialistas.

É claro que o panfleto contra o burguezismo levá a interpretações exactas de problemas historicos fundamentais e a visão justa de certas condições mais largamente humanas. Por aí deve julgar-se o autor capaz de atrair a simpatia dos que têm bem definida a sua posição emancipadora, sem se arriscar a perder a adesão dos que se situam em polos adversos. Mas a triste verdade é que afforam neste livro, sem remédio, os velhos «logans» reaccionários do

anti-semitismo, do concelrismo, do sidonismo, do catolicismo devoto sem a nobre força de uma ética constructiva, e até do fascismo e do nazismo que ficaram para sempre sepultados sob ruínas e miserias.

Sob o aspecto literário e à margem da incrível proximidade doutrinal, Roldão Preto acaba criss algumas páginas com fogoso entusiasmo, linguagem lírica e algumas vezes magníficas grandezas aliantes de expressões. É claro que isso é muito pouco, se considerarmos o estilo geral da obra em que o lirismo se resolve frequentemente em retórica, o panfletarismo se assual em estranho trabucar de fórmulas vazias e as palavras vigorosas mais indefinidas substituem o claro ritmo das idéias. Roldão Preto ainda já há muito tempo em busca de um caminho para que possamos crer que o encontrar; ou talvez essa busca seja a própria finalidade e das circunstancias cotinê, como alguns dos seus mais eventuais mestres, a satisfação de um destino que não foi capaz de definir-se — de viver ou morrer na rota que traçou.

«PORTUGAL, A CORTE E O PAIS NOS ANOS DE 1765 a 1774» por José Gorani.

A Editorial Acta confiou a Castelo Branco Chaves, critico e moralista cujos linhos atlânticos não invalidam a perfeita segurança de uma obra, o encargo de dirigir a publicação de uma série de textos traduzidos e anotados sob a epigrafe «Portugal visto pelos estrangeiros». Trata-se de um empreendimento de alta cultura, absolutamente necessário num paiz que sempre teve o mau mestre de se compreender muito mal a si próprio. É ainda através dos estrangeiros que nós têm fixado e estudado que podemos visar melhor as linhas exactas do carácter nacional, sem nos deixarmos ludir pela miragem dos nossos próprios desejos ou concepções inventadas. Por outro lado, a própria história nacional, a evolução dos costumes e da mentalidade colectiva, a índole pessoal e a ética das grandes personalidades, que julgamos habitualmente sob o ángulo de preconceitos em que nós próprios nos achamos comprometidos, encontram nesta visão de estrangeiros um correctivo documental precioso.

Abre a colecção com o livro de José Gorani, aventureiro italiano que esteve no paiz em pleno apogeu da ditadura pomalina e déle observou com agricia, vivacidade e algumas vezes, um pouco de fantasia, muitos factos, pessoas e alguns caracteres gerais. O prefacio, breve mas expressivo de Castelo Branco Chaves situa justamente o livro entre os de outros visitantes estrangeiros e não deixa de notar o interesse do tipo humano, bem representativo do século XVIII, que o subserveu. Gorani

(Continúa na pág. 14)

A poesia distante de Alberto Serpa

REFUGIADO em Leça de Palmeira, na quietude monástica das pequenas terras de provincia, Alberto de Serpa só muito raramente renova a sua mensagem de poeta. O seu lirismo suave e melancólico alimentava-se dessa especial sedução do isolamento que não ignora nem esquece a humanidade, mas a ama de longe; tem no espaço breve do mundo generoso que cria à sua volta a suficiente ressonância; e basta-se a si próprio em comprehensão, em especulacão, em «modo de vida», no sentido mais espirituoso dessa especial sedução.

Bem pode tomar-se como paradigma de certã espécie de homens, que não os desejariam ser como este poeta, vivendo e criando afastado das reputações fáctas e dos sensualismos dos meios literários. A arte de Alberto de Serpa contém em si mesma a órbita que a determina — mas não há no seu distanciado eco nenhuma sombra de desprezo. Está longe dos homens no que eles consomem em agitação nem sempre criadora, mas inlunidamente irmanado com eles no que sentem e vivem de mais profundas. É um símbolo do lirismo mais uni-

versal — o que é mais estranho ao seu pequeno meio mas comprehensivo de todas as dores, ansiedades e encantamentos.

Os seus versos têm uma cadência pura e alva; a sua actividade intelectual fora da poesia manifesta uma indifferença viril pela sua fugidil e muitas vezes resgatada do convívio mundano ou do falatório vácuo dos jornais. Alberto de Serpa é um escritor que sabe estar só — e, por isso e muito mais, é um poeta.

Alguma vez se evocará os seus versos e a sua figura calma recolhida e distraída neste retrato como exemplo do genuíno sonhador que seria absurdo querer arrancar dos seus sonhos. Talvez Alberto de Serpa tivesse fugido, aliás, para que a sua poesia pudesse sobreviver num mundo errado.

Não se lhe pode negar, pelo menos, inteira sinceridade quando comparamos a sua attitude com a dos especuladores de reputação literária, molêrescos escritores à força, que por aí labutam na sua lavra desconsoladora. De longe lhe chegam algumas mãos frater-nas — e é com essas, afinal, que elle quer estar.



REPARA, LEITOR, NO QUE SE SOFRE EM LISBOA!

Esta senhora caiu num Instituto de Belexa — e é possível que saia de lá mais bonita! Mas que sofre muito, isso não tenha dúvidas!

TORTURAS DO SEculo XX

O cabeleireiro, uma das grandes torturas das senhoras!

Pendurados no estribo do eléctrico, uma viagem inteira! Não será isto sofrer?

E, por último, a tortura do Arquivo de Identificação, onde se sofre, durante horas, para se obter um simples bilhete de identidade!

O homem na sua marcha constante a caminho do apego da civilização, tem auferido um certo número de vantagens. Lá vai o tempo em que, por dá cá aquela palha, um indivíduo era morto a ferros, com base em suspensão, fundada ou infundada, de culpa. E os algozes, na ânsia de arrancarem confissões, sem vultubre de respeito, sem sombra de compaixão, infligiam as mais atrozes torturas, desde o chicote às palhinhas nas unhas.

Hoje já não acontece assim, felizmente! Há mais respeito pela carcaça de cada um...

Mas, em contrapartida, a civilização que, sob esse aspecto, nos abrandou os sofrimentos, aboliu a lei do mais forte, complicou-nos, por outro lado, a existência, arrastando consigo um novo contingente de suplícios. O homem é um eterno torturado...

Você, leitora, que está a preparar-se com todas as minúcias, vai sair, pela certa...

Pode dizer-me onde vai?

Vai ao cabeleireiro? Ora ali tem! Vai entregare-se voluntariamente, a um dos muitos suplícios a que obriga a vida em sociedade civilizada: o cabeleireiro.

Por curiosidade, já tenho assistido a todas as fases dum operação capilar. Começa sempre por uma longa espera depois da qual lhe entram na cabeça uma espécie de barrete frígido, maior ainda do que o da República e você suporta-o com um estoicismo notório. O seu sofrimento transparece só do trincar e desatracar da perna, do passear nervoso dos seus olhos pelas páginas de batibales de revistas.

Depois vem um indivíduo de bata branca, todo encarcado, de mente em riste, muito solícito e muito palrador, que lhe remexa, cubro por cubro, a cabeleira farta; outro a seguir que a ensaba; outro que a penteia; outro, por fim... a que você paga...

Tortura! Crudelesíssima tortura!

— E depois onde vai?

A massagista?

Eu passo como você tolera a semcerimónia, a irreverência daquelas dedas hábeis a fazerem-lhe cócegas, a torcerem-lhe o nariz, a empastar-lhe a cabeça de cremes...

Mas, realmente, que há-de você fazer? Que diria a Zi-Zi se você não cuidasse da sua beleza? Que escárnio não fariam as Castros?

E, além disso, podia, muito bem, perder o amor do Alfredo... Tem de ser! O suplício está decretado pelas circunstâncias.

Agora, minha boa amiga, não precisa dizer-me mais nada. Já sei que vai à modista.

Eu não disse? Já estou a ouvir a Madame Rose a vomitar uma enxurrada de recomendações, com o impertinente raspar de «Rit» do sota-que de Paris.

— Oh! Mademoiselle! Não deve amexerer...

— E «favor» «levantar» e «bracinho»! Assim.

— Que tal a sala? Acha escurta?

Está pela «curva» da «perna»... Depois vem os alfinetes que você acusa com grilhões afilados.

— «Diques»? Foi sem «quereres»... «Pardões»!

Outra tortura! Mas não se arme em vítima... Ao homem também cabe um volumoso contingente de suplícios.

Você já foi ao Arquivo de Identificação?

Não? Já calculava!

Em Portugal, a mulher raramente se emprega. Se o faz, fá-lo nos primeiros anos da vida e até que lhe apareça um Alfredo platónico que a leve ao altar e a tire do emprego.

Por isso, raramente, precisa do bilhete de identidade.

— Sabes quem é aquela senhora? É a mulher de fulano...

É pronto. Está identificada. O marido fez as vezes de Bilhete de Identidade.

Mai daqueles de quem se diz: «Saben quem é aquele? É o marido de fulano...»



E, por último, a tortura do Arquivo de Identificação, onde se sofre, durante horas, para se obter um simples bilhete de identidade!

O homem, porém, no desempenho das suas funções, nos mil e um prejuízos que sucedem no «ram-ram» do dia-a-dia, precisa com mais frequência de raspar do Bilhete de Identidade para atestar a sua condição de aspirante de finanças ou de fiscal dos impostos.

Foi um novo suplício que a civilização nos trouxe — o pal Adão, que eu saiba, não tinha Bilhete de Identidade...

E o suplício é-nos infligido na aquisição desse maldito documento. Um homem é engolido pelo casarão bafento da Calçada das Trinas, passa-se pacientemente por desnas de cadeiras de ferro, incómodas e sujas, passa horas — desde a alvorada burocrática (às 11) — a espera que um cavalheiro de bata se

digne mascarar-lhe os dedos e, por fim, regressa a casa faminto, esbodegado, com os nervos num molho, os dedos encardidos, a cabeça salpicada de calça que caiu do tecto em ruínas e o coração oprimito pela dolorosa certeza de que tem de voltar no dia seguinte.

É horrroso! Só visto... E ainda não ficamos por aqui. Há ainda para os homens o terrível martírio dos carros eléctricos. As senhoras, no que respeita a eléctricos, não muito mais felizes, já porque têm geralmente uma vida mais recolhida, já porque toparam sempre com cavalheiros amáveis que cedem lugares...

Os homens têm de viajar pendu-

(Continua na página 14)



«Estes infelizes, não «bichas para o elevador, para, no fim, ouvirem dizer ao condutor: — Não há mais lugares!»



A «prova» na modista! — Uma tortura para as senhoras — e para os maridos, que têm de pagar a conta!...

¡Nervosos!; Esgotados!

O excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produzem um desgaste no seu sistema nervoso, a parte mais nobre do organismo



Os ruidos, sempre mediano, tornam-se insupportáveis quando os nervos estão fracos



Quando os nervos estão irritados os ruidos quanto mais se com violência



As preocupações e desgastes elevam o sistema nervoso por ocasião da vida



Os desgastes levam milhares de vezes resultados da desequilíbrio do sistema nervoso

A enfermidade, a cansaço ou abastamento podem vencer o equilíbrio intrínseco do sistema nervoso



O homem da negócios necessita saúde e energia para desenvolver a sua actividade sem fadiga



Quem tem sido forte não pode nem deve condonar os seus músculos a uma permanente inactividade

Os nervos cansados são responsáveis da sua fadiga e depressão, da sua falta de memória, da sua excitabilidade

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero
A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUENTE E NUTRITIVO

CIMENTO

"Tejo"

Fábrica em Alhandra

Pedir preços a condições
aos Depositários Gerais:

ANTÓNIO MOREIRA RATO
& FILHOS, L.^{DA}

MÁRMORES — CANTARIAS

AV. 24 DE JULHO, 54-F — LISBOA

Enderço Telegráfico RATOFILHOS — Telefone 60779

UM ANO BOM NÃO É UM PRESENTE CARO DO PAI NATAL

CADA ano que surge é uma revoadada de esperança, um fogo fátuo a order nos corações dos homens? Dentro de toda a humanidade há uma voz, cheia de fé, a falar de um ano melhor.

Mas o ano nasce e os homens ficam de braços caídos a vê-lo crescer.

E o ano cresce, cresce, cresce, e de menino passa a homem, e de homem passa a velho e depois... morre.

E é tudo sempre o mesmo... senão pior!

Mas outro ano acaba de abrir os olhos para o mundo e os homens voltam a ter os corações cheios de esperanças e de interrogações, e de novo cruzam os braços a ver crescer o menino.

E é tudo sempre o mesmo... senão pior!

«Mas... que podem esperar os homens de um ano novo, esse bambinito loiro, se eles não descerem os braços e a ensinarem a ser... diferente dos seus avós?»

«Que podem os homens esperar da vida se juntarem os braços sobre o peito e a deixarem correr sem um gesto de ajuda ou sem um chamamento?»

«Que podem os homens, assim, esperar dos anos que vêm sistematicamente atrás uns dos outros, se eles próprios os não ensinarem a ser melhores?»

Um ano bom não é um presente caro do Pai Natal!

Um ano bom seria o produto do trabalho inteligente, justo e consciencioso dos homens. Mas os homens esperam por um manancial de prosperidades que... há de vir, como há centenas de anos esperaram por D. Sebastião, o rei que mãos misteriosas trariam de Alcácer-Quibir, numa manhã de nevoeiro.

Não é de braços parados que se reconstrói o mundo! E o mundo precisa ser reconstruído (se tiver reconstrução possível), pedra a pedra, alicerce a alicerce, não, unicamente, por um, dois ou três engenheiros, mas por todos os obreiros, por todos os homens, por todos os homens de boa vontade.

Surge um novo ano depois desta hecatombe monstruosa que desfaz o mundo e a civilização. Para acartar material destinado a equilibrar o pouco que resta da varagem, para reconstruir e construir novos edificios seria necessário o esforço, a tenacidade, o heroísmo de todos os homens.

Mas... os homens cruzam os braços e tom fé no ano novo...

E, assim, o mundo, esta bola gigantesca, caminho, a passos largos, para a hecatombe final.

O egoísmo dos homens mata o mundo!

Pobres anos que vêm, em correria louca, pedir apoio aos homens e aos quais os homens nada dão!

Pobres anos aos quais os homens de todo responsabilizam e que não têm responsabilidades!

Pobres homens, afinal, que possuem nas mãos o destino dos anos, e o seu próprio destino, e que cruzam os braços sobre o peito!

«Não terão os homens ainda

compreendido que só o esforço unânime de todos (mas de todos!) poderá fazer dos anos que correm anos bons?»
1946, ano bom? Só os homens o podem dizer!...

HORTENSE DE ALMEIDA

TEATRO DO GOMEZ TODOS...

ANDAM os autores portugueses arredados do Teatro e não me parece ir muito longe da verdade se afirmar que isso acontece, especialmente, por certas limitações que as lhas impõem.

Começa por ser uma tortura a limitação que têm de observar, na temática, a sensibilidade da censura, falando já, claro, na escolha do tema; é outra tortura, maior ainda, a limitação a que são submetidos quando, do esquema, passam à forma definitiva; e a tortura atinge o máximo no caso de encenação. «Nô Tenho aqui a certeza a certeza mesmo — de que não passará E, se ele está convencido na cabeça o a peça, tem a certeza de que a peça. Não se pretende discutir, aqui, se o sistema da censura sobre o teatro é bom ou mau. Acertam ou não, porém, pode ficar indiferente ao que acontece em relação ao critério usado para as peças estrangeiras, traduzidas e representadas em Portugal, e aquilo de que se abusa para os originais portugueses. Evidentemente, que não haverá nenhum autor português com o génio do velho Shaw; mas, se acaso algum, o Portugal escreve o «Pigmalião», que se representa ali no Trindade, o menos que lhe suceda é de escrever, aquê comentarista filósofo chamado Doolittle, que no fundo, achê mesmo Shaw socialista e irreverente que aparece em todas as obras do autor da «Santa Joana». Claro, que o autor destas considerações não se admira, coisa alguma, de que a peça tenha sido traduzida e posta em cena por um empresário «profundamente» nacionalista — e nacionalista activo na Linha de fronteiras — porque está no seu pleno direito de agir, como jornalista, baseado no escrito da tal «Linha», e, como empresário, no espírito comercialmente socialista — que é o ator — de Shaw e do Doolittle, recordando-se, possivelmente, de idos tempos em que viajou pelo oriente europeu. Mas a «Censura teatral» é que não.

Quem subscreve estas linhas tem experiência própria, porque usou da milésima parte do aduella nas afirmações feitas na boca das suas personagens em comparação com o genial irlandês — nem disse era capaz... e essa milésima parte de irreverência não se deu, também os seus «fantoches» não disseram o que afirmaram as «essências» do «Nô o levada conta», nem as «Electra» do Giraudoux — e mais e mais.

E quem há por aí que escreva para o teatro que não tenha experiência semelhante? E que surpresa não terá os autores «portugueses» quando vêem esses filmes que por aí se exibem? Sim, porque nem todos deles atreveria a escrever o «João Nin-guém», o «Hedecede Indivels», o «Doido com Juliao». E que tristeza... Mas valerá a pena citar dezenas e dezenas de filmes que obras teatrais certas, de portugueses, nunca seriam representadas, pelo menos agora?

Portanto, de duas uma: ou se alargam as malhas da rede para os originais portugueses, ou se acertam as que servem as obras estrangeiras. Evidentemente, defendemos a primeira solução, porque a escrever immoralidade, todos têm de comer e, se algum há-de comer primeiro e melhor, devemos ser os primeiros a casar...

REDONDO JUNIOR

JANELA ABERTA

FELIZES OS QUE ACREDITAM...

POR ANÍBAL NAZARE

SE, por um lado, tem seus perigos ser-se crédulo, também tem indiscutíveis conveniências. Os que acreditam com facilidade beneficiam sempre duns tanto por cento de aumento nos horas felizes da vida. E, porque acreditam no que é verdade e no que é mentira, têm sempre momentos de alegria que a própria credulidade ocasionou.

É certo que, por isso mesmo, sofrem elevado número de desilusões. Mas quando elas chegam, outras esperanças estão os espíritos crédulos alimentando. E, agarrados ao velho ditado que lhes ensinou que não há bem que sempre dure nem mal que se não acabe, olham sempre o futuro com confiança — uma confiança que é, afinal, o seu motivo de felicidade.

Entre os que me lêem devem existir alguns crédulos. Felicito-os por essa qualidade, que nunca soube ter, e peço, aos que o não são, para aprenderem a ter confiança, neste novo ano que é uma interrogação.

Acreditamos todos que ele vai ser melhor que os últimos anos que passaram. Olhem-lo sem desconfiança, para que ele próprio se não desiluda — antes de nos desiludir a nós... Esperemos, confiadamente, que ele comece por ser um ano de incerteza, mas acabe por marcar o início duma nova felicidade...

Porque, meus amigos, isto de acusar um ano que morre de não ter sido bom, é mais que uma injustiça — é erro grave.

Os anos passam — mas os homens são os mesmos... Que êles resolvam que o novo ano será melhor que o que passou, e todos podemos ser felizes acreditando que este ano incerto de 1946 nos trará uma promessa de felicidade.



No acto da posse do novo comodoro da esquadra da Metrópole.

Os novos cadetes que partiram a bordo da «Sogressa» para a sua viagem de adaptação, assistiram, antes, a uma cerimónia religiosa no Mosteiro dos Jerónimos e ouviram uma alocução do sr. Ministro da Marinha.

A Comissão dos Açores que entregou uma mensagem ao sr. Presidente do Conselho e o convidou a visitar os ilhas.



QUE COISAS ENGRACADAS SE TERÁ DITO NO JULGAMENTO DE NUREMBERG?

O certo é que os réus Goering, Ribentrop, Kettel, Doenitz, Raeder, Schurach e Saukel riem, de vontade, com qualquer coisa que ouvirem!

Que coisa esprituosa terá conseguido fazer rir êstes homens, aos quais devem restar poucas dúvidas acerca do seu próximo fim?





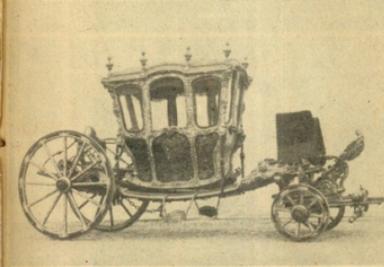
A filha do grande escritor, proferindo a sua conferência



Banquete de homenagem ao colonialista britânico «Lordes Hatley



Assistência à conferência do sr. D. Mario Eça de Queiroz de Castro Retende, filha de Eça de Queiroz, no Grémio Literário



Batido, em estilo barroco, com rica talha dourada, que pertence ao fisco-mar do rei D. José, e que chegou para o Rio de Janeiro o bordo do «Serpa Pinto». Esta carroagem faz parte duma coleção de dez que foi oferecida ao Museu Histórico Nacional, da capital brasileira, pelo sr. Joaquim Ferreira Alves, por iniciativa e intermédio do nosso colega na Imprensa, E. de Lage Simões Coelho.



Um aspecto do sorteio dos prémios do nosso número especial, na Casa da Imprensa

REALIZOU-SE O SORTEIO DOS PRÉMIOS DO NÚMERO EXTRAORDINÁRIO DO NATAL DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

Como havia sido anunciado, realizou-se no dia 31 de Dezembro findo, pelas 15 horas, na Casa da Imprensa, à Rua do Loreto, n.º 12, sobrelho, o sorteio dos 150 prémios do número extraordinário de «Vida Mundial Ilustrada».

Presidiu ao acto o funcionário do Governo Civil, sr. José Augusto Trindade Piteira, como representante do Governador Civil, que foi secretariado pelos nossos colegas Aníbal Nazari e Edmundo Moterra, respectivamente chefe da redacção e redactor de «Vida Mundial Ilustrada».

Depois de conferidas, as bolas foram metidas nas esferas, ficando junto de cada uma delas o sr. Helderom Leal, empregado da administração do jornal «O Século», e o sr. Manuel Pedro Vidal da Silva, da administração de «Vida Mundial», e verificadores os srs. Carlos Freire, chefe do escritório de «Vida Mundial Editora», e Luis João Marques, empregado da nossa administração.

Depois de convidado a fazer a conferência dos números o sr. Manuel Louzeira Ramos, representante do público, começou o sorteio, que terminou cerca das 17 horas.

Os números premiados foram os seguintes:

N.º do Cupon	N.º do prémio	N.º do Cupon	N.º do prémio	N.º do Cupon	N.º do prémio
388.....	88.º	8187.....	10.º	14650.....	83.º
392.....	85.º	8243.....	8.º	14728.....	12.º
534.....	34.º	8343.....	8.º	14766.....	68.º
772.....	87.º	8604.....	40.º	14868.....	51.º
1244.....	42.º	8733.....	128.º	14954.....	21.º
1359.....	32.º	8854.....	133.º	15174.....	65.º
1440.....	97.º	8978.....	150.º	15237.....	77.º
1500.....	94.º	9147.....	72.º	15364.....	61.º
1634.....	125.º	9453.....	60.º	15388.....	84.º
1669.....	146.º	9607.....	115.º	15511.....	91.º
1766.....	67.º	9652.....	112.º	15553.....	121.º
2796.....	1.º	9674.....	50.º	15583.....	13.º
3079.....	25.º	9686.....	70.º	15594.....	84.º
2877.....	20.º	10043.....	135.º	15801.....	108.º
3031.....	140.º	10120.....	74.º	15927.....	134.º
3442.....	35.º	10182.....	46.º	16065.....	124.º
3324.....	5.º	10587.....	136.º	16160.....	158.º
3602.....	104.º	10704.....	86.º	16218.....	128.º
3615.....	82.º	10719.....	118.º	16229.....	131.º
3795.....	31.º	10873.....	53.º	16239.....	26.º
3928.....	87.º	11446.....	120.º	16562.....	43.º
4009.....	50.º	11507.....	92.º	16733.....	142.º
4182.....	45.º	11554.....	126.º	17166.....	148.º
4349.....	83.º	11616.....	141.º	17356.....	30.º
4359.....	52.º	11936.....	73.º	17386.....	89.º
4729.....	39.º	12076.....	132.º	17459.....	17.º
4764.....	81.º	12167.....	116.º	17649.....	130.º
4772.....	103.º	12181.....	117.º	17671.....	114.º
4818.....	143.º	12192.....	11.º	17726.....	28.º
4864.....	33.º	12334.....	68.º	18144.....	38.º
5069.....	47.º	12382.....	111.º	18458.....	127.º
5747.....	57.º	12529.....	41.º	18459.....	96.º
5751.....	105.º	12611.....	145.º	18513.....	8.º
6084.....	123.º	12666.....	9.º	18627.....	62.º
6087.....	22.º	12680.....	90.º	18692.....	44.º
6316.....	63.º	12775.....	14.º	18985.....	3.º
6502.....	149.º	12806.....	79.º	18998.....	69.º
6549.....	58.º	12868.....	70.º	19122.....	137.º
6551.....	54.º	13125.....	64.º	19250.....	96.º
6596.....	88.º	13173.....	116.º	19345.....	139.º
6729.....	87.º	13181.....	115.º	19665.....	85.º
7048.....	101.º	13194.....	89.º	19689.....	145.º
7193.....	36.º	13236.....	109.º		
7245.....	18.º	13259.....	24.º		
7254.....	27.º	13464.....	107.º		
7453.....	48.º	13806.....	71.º		
7541.....	37.º	13895.....	102.º		
7609.....	147.º	14066.....	78.º		
7689.....	144.º	14203.....	57.º		
7701.....	49.º	14258.....	15.º		
7957.....	15.º	14306.....	75.º		
7987.....	109.º	14407.....	106.º		
8121.....	25.º	14524.....	23.º		
8109.....	110.º	14526.....	56.º		

Na página 47 do nosso número especial, podem os leitores verificar a lista de prémios correspondentes aos números indicados. E daqui damos, gostosamente, aos parabéns aos leitores contemplados.



A mesa de júri da exposição geral e concurso. O presidente João Moreira, o organizador-geral Paulo Bonfatti, o diretor de arte, Manoel de Barros, e outros membros do júri. Por baixo de si, o senhor Alberto Machado da comissão de Teatro Amador.

UMA INICIATIVA DE

"Vida Mundial Ilustrada"

Realizou-se o Concurso para a escolha de artistas para o filme "Matinée às quatro"

A primeira seleção que realizou nos primeiros meses de trabalho, a comissão organizadora do filme "Matinée às quatro", realizou um concurso para a escolha de artistas para o filme. O concurso foi realizado em duas etapas: a primeira para a escolha de artistas para o filme e a segunda para a escolha de artistas para o filme. O concurso foi realizado em duas etapas: a primeira para a escolha de artistas para o filme e a segunda para a escolha de artistas para o filme.



Um grupo de seleção dos concorrentes



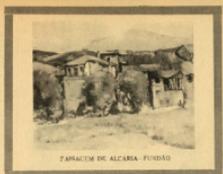
Um grupo da sala de Teatro Amador, teatro e concurso



Um grupo de concorrentes



O vencedor do filme, Sônia Moretti, com um grupo de futuras atrizes



FARMACIA DE ALCOBAÇA - FUNDADA

EXPOSIÇÃO DE CELESTINO ALVES EXPRESSÃO ORIGINAL DO MODERNISMO NA PINTURA

O movimento da pintura portuguesa, que se desenvolveu a partir de 1910, teve como principais representantes os artistas que se agruparam em torno do "Grupo de 1911". Este grupo foi formado por artistas que buscavam uma expressão original e moderna na pintura. Celestino Alves foi um dos principais nomes deste movimento. Sua obra é caracterizada por uma linguagem simples e direta, com uma forte influência do cubismo e do expressionismo. A exposição de Celestino Alves apresenta uma seleção de suas obras, que demonstram a evolução de sua arte ao longo do tempo. O público pode apreciar a riqueza de sua linguagem e a originalidade de sua expressão artística.



CELESTINO ALVES

(Continuação da página 17)

(Continuação da página 8)

RELAMPAGO DISTRIBUIDOR

para:
Banheir-
Lavatório
Bidet
Lava-Louça
Lava-Roupa



Um
RELAMPAGO
é indispensável

TODA A DONA DE CASA, PREVI-
NEMENTE TEM DUAS PREOCUPAÇÕES:

O CONFORTO E A ECONOMIA DO SEU LAR
RELAMPAGO SATISFAZ ESTAS DUAS EXIGÊNCIAS

À VENDA NOS SALÕES

FÁBRICA PORTUGAL

Restauradores, 49-55—A. da República, 59—R. Febo Montz, 1-18—R. da Graça, 52-54

*Chegou a primeira
maravilha da química*

SHAMPOO-TINT

RAP-I-DOL

È uma tintura que
não causa erupção

Foi aprovada pela medicina
e pelas autoridades de salubridade
norte-americanas como um produto

"Standard"

Distribuidor exclusivo para
Portugal

G. de Campos Martins
Caixa Postal 826

Lisboa

*Remessa duma das
norte-americanas*

SHAMPOO-TINT

RAP-I-DOL

Devido à sua excelente
qualidade é preferido
pelas estrelas de
HOLLYWOOD

*Em recentes concursos
realizados nos principais
centros da moda ameri-
canos obteve as mais
beliantes classificações*



À VENDA NOS PRINCIPAIS
ESTABELECIMENTOS

CALÇADA DA GLÓRIA

O QUE DISSE, DEPOIS DE TOMAR POSSE

1946

Um velho mestre de jornalismo costumava aconselhar aos novatos da profissão:

— Quando tiverem de entrevistar algum homem ilustre procurem-no de manhã. Os homens ilustres estão, em regra, mais bem dispostos de manhã do que à tarde ou à noite...

Eu não sei se esta opinião será rigorosamente exacta para todos os casos; mas foi, lembrando-me dela, que procurei uma manhã destas, muito cedo, o Ano de 1946, solicitando-lhe o favor de me receber. Com uma benevolência que não esquecerei, logo o Ano-Novo me recebeu no seu «appartement» do «Universo» (onde se hospedara quando chegou), e, ao procurar eu desculpar-me da hora matutina a que o procurava, justificando que os homens ilustres, absorvidos por múltiplos assuntos durante o dia, se encontravam naturalmente em melhor disposição de espírito, de manhã do que depois de longas horas de trabalho e de preocupações, o meu eminente interlocutor objectou, num sorriso claro:

— Não... Eu é que tenho a pedir desculpa de lhe aparecer neste

estado, de roupão e chinelos... Mas não quis fazê-lo esperar...

Expus-lhe então os fins da minha visita. S. Ex.^a acabava de tomar posse do alto e melindroso cargo de condutor do mundo. Devia ter um programa, um sistema, uma filosofia. Quais seriam os seus planos? Como se efectivaria a sua acção orientadora? A sua mão surgiria calçada de ferro — ou calçada de pelica? Numa palavra, eu permitia-me desejar, com curiosidade e indiscrição, uma entrevista de S. Ex.^a.

1946 meditou uns instantes e disse-me:

— Creio que era Ibsen — esse inteligente e astuto norueguês — quem afirmava que não havia palavras que valessem uma acção. O que interessará o mundo serão os meus actos, bons ou maus, e não a minha maior ou menor verbosidade. De resto, nunca fui tão prudente, como na hora actual, guardar silêncio, para não sermos obrigados a deslizer no dia seguinte o que afirmámos na véspera. Em todo o caso, alguma coisa lhe comunicarei — para o não desiludir por completo. Espero, pois, o seu interrogatório.

— Não deseje importuná-lo demasiadamente. Far-lhe-ei apenas três ou quatro perguntas...

— Oxalá eu saiba ou possa responder-lhe... — e tirando uma cigareira de prata do bolso do roupão de flanela — Fuma? Eu sou um fumador incorrigível. Fumo tudo: ingleses, americanos, turcos, egípcios...

Acendemos os cigarros. Logo uma névoa azulada e inconstante rolou no ar, e com ela o minha primeira interrogação:

— V. Ex.^a será, realmente, o Ano da Paz?

— Gostaria de dizer-lhe que sim, mas não creio. A minha boa vontade não chegará decerto para dominar a cada vez maior ambição dos homens e, consequentemente,



das nações. Vão suceder-se as entrevistas, as conferências, as trocas de impressões diplomáticas: em todo o caso a Paz — a Paz doirada de Diceópolis — afigura-se-me cada vez mais incerta. Não basta que as nações e os homens que as governam falem em paz: é necessário que a pratiquem.

— A sua opinião acerca da bomba atómica?

1946 encolheu vagamente os ombros:

— Mais uma bomba!

— No seu reinado o mundo caminhará para a direita ou para a esquerda?

— «Direita» e «esquerda» constituem uma terminologia política bastante discutível, quanto a mim. São sempre da direita os partidos que estão no poder — mesmo que sejam radicais; são sempre da esquerda os partidos que estão na oposição — mesmo que sejam conservadores. Não tenha ilusões a este respeito. Quanto ao mundo, ele não caminha, segundo penso, nem para a direita, nem para a esquerda: caminha para a frente...

— Quais, senhor 1946, os planos de V. Ex.^a sobre as letras e as artes?

— Gostaria que, no geral, se escrevesse melhor, se pintasse melhor e, acima de tudo, se pensasse

melhor. Em regra, hoje «pensa-se mal», talvez porque se pensa muito depressa. Dir-se-ia que tudo se improvisa para o momento: pensamentos, convicções, doutrinas — critérios.

— Verifico que o seu optimismo não é excessivo...

— Não. Em todo o caso farei o possível para que o mundo guarde de mim uma recordação que não seja feita nem de lágrimas, nem de sangue... Mas não sei... Os meus 1945 antepassados (já não falo nos anteriores), devem ter desejado o mesmo do que eu — e só, raramente, o conseguiram...

Neste momento a porta abriu-se, um sujeito assomou: era o secretário de 1946.

— O sr. Ministro da Economia Mundial pergunta se V. Ex.^a o pode receber agora?

— Que posso... — e 1946 voltando-se para mim exclamou: — Que remédio! Este homem vai ver a minha grande, a minha constante preocupação. Creio que coisa alguma me será possível fazer enquanto ele me perseguir como já perseguiu meu pai, meu avô, meu bisavô...

E 1946 suspirou dentro do seu roupão de flanela.



A ORGANIZAÇÃO DAS COMISSÕES EM ACTIVIDADE

A Comissão Preparatória das Nações Unidas teve de interromper os seus trabalhos devido aos festejos do Natal. Silenciosamente, sem qualquer espalhado, esta comissão tem produzido uma obra que está acima de todas as críticas e de todas as acusações de indolência e preguiça.

Tanto as comissões como as sub-comissões têm trabalhado laboriosamente, durante horas e horas sucessivas sem se alongarem em debates superfluos. Até agora, só um assunto se revelou de difícil solução — o possível local da nova Organização das Nações Unidas.

A maior parte das decisões tomadas foi cuidadosamente estudada em pormenor e, se bem que, sob determinados aspectos, essas decisões se tivessem revelado aborrecidas, todas as dificuldades foram solucionadas à base dos interesses fundamentais de cada nação.

Com efeito, como afirmava recentemente o "Daily Herald", só aqueles que tomaram parte em tal serviço e que poderão apreciar bem como são laboriosas essas tarefas, quando cada decisão precisa de ter o assentimento de uma maioria de dois terços dos cinquenta Estados independentes, membros da organização.

Semelhante assembléa equivale, em termos, não equiparar-se, a uma Câmara dos Comuns inteiramente composta por parlamentares independentes, isto é indivíduos sem qualquer partido político e que, dificultando o curso dos trabalhos, se vêm na necessidade de utilizar dois idiomas.

Segundo a opinião geral, no entanto, apesar de todas estas circunstâncias, os trabalhos têm sido realizados muito mais rapidamente do que fora previsto e de qualquer modo, estarão terminados dentro de poucos dias — 10 de Janeiro, data em que se reunirá a primeira Assembléa Geral das Nações Unidas.

A missão desta Assembléa será completar o trabalho de organização, que só a Assembléa pode executar. Antes de mais nada, terá de eleger os seus membros não-permanentes que, com os «cinco Grandes», formam o Conselho de Segurança.

Pouco depois, a Organização das Nações Unidas na sua qualidade de organismo associativo passará a existir realmente. Uma vez escolhido, o Conselho de Segurança manter-se-á em sessão permanente e em condições de, dum momento para o outro, apreciar e resolver qualquer assunto que lhe seja submetido. Começará, pois, a funcionar assim a Organização das Nações Unidas.

Se não algum tempo depois, significará a finalidade da sua actividade. Haverá ainda outros organismos a escolher, tanto pela Assembléa como pelo Conselho de Segurança, ou pelos dois conjuntamente.

A Assembléa terá de eleger o Conselho Económico e Social que, no futuro, virá a ser órgão mais importante das Nações Unidas.

O Conselho de Segurança terá de escolher, e a Assembléa aprovar, os juizes que constituirão o Tribunal de Justiça Internacional.

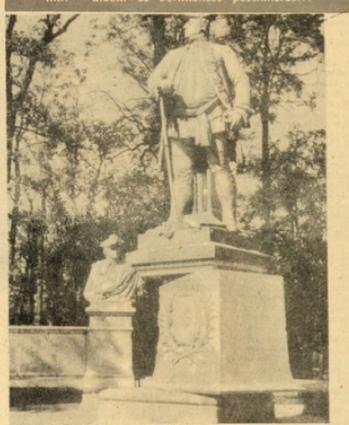
O Conselho de Segurança terá também de determinar a sua Comissão de Chefes dos Estados-Maiores, destinada a planear os meios de proceder em face de qualquer agressor e, intimamente ligada a esta Comissão, a Assembléa nomeará outra Comissão encarregada de tratar os problemas relativos à bomba atómica.

Mesmo uma vez escolhidos todos estes organismos tão importantes, a Organização das Nações Unidas não poderá trabalhar com eficiência, porque não dispõe ainda nem de pessoal nem de dinheiro... Deste modo, a Assembléa, como Quênto Parlamento, terá de votar o seu orçamento, de apresentar cálculos sobre o total das suas despesas e decidir

(Continua na página 14)



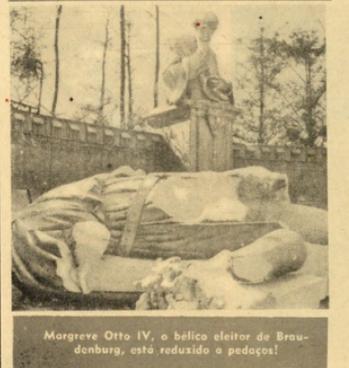
Esta nobre e atlética figura jaz agora por terra! — Esta a covar e tumulo de Berlim! — dizem os berlinenses pessimistas.



A estátua de Frederica I, Rei da Prússia e pai de Frederico, o Grande, no seu pedestal, atingido por uma bomba.



Frederico Guilherme II, ficou sem cabeça!



Margrete Otto IV, o belico eleitor de Braundenburg, está reduzido a pedoços!



Esta figura decorativa dum das grandes fontes de Berlim, nem no abrigo foi poupada!

Desapareceu uma figura do Império de Lisboa

ESCUÁPIO

VISTO POR SEU FILHO

UMA ENTREVISTA COM O DR. EDUARDO FERNANDES — POR CARLOS RUAS

Bocages, ambas de sua autoria. E, se bem que meu pai não tivesse alcançado nas letras a posição que conseguia Bocage, há qualquer coisa de comum entre ambos, mormente no espírito sempre jovem, sempre folgado que lhes grangeou incontestável popularidade e nos ideais em cuja realização ambos sonharam.

Uma pausa. Os olhos do dr. Eduardo Fernandes passaram vagamente, sinal de que o seu espírito se embrenhara num mundo de recordações.

— Não foi necessário chamá-lo a realidade, porque continuou:

— «Inclusivamente, a sua vida turbulenta, cheia de epíslodos, por vezes repassados de focos, acentuam a semelhança que possa haver entre ambos».

— Seria curioso conhecer um desses epíslodos... V. Ex.?

— Não foi necessário completar a pergunta. Um ligeiro sorriso do brilhante advogado anunciou-nos a agradável perspectiva.

— «A mocidade de meu pai foi turbulenta. Entre festas e estúrdias passos os melhores anos da sua vida, sem, no entanto, esquecer os seus deveres, sem se desviar nunca do caminho do bem. A situação que conquistou para os filhos é uma prova evidente do que afirmo. Mas vamos ao epíslodo: Havia um baile na Trindade, a que meu pai, como não podia deixar de ser, lá acompanhado duma senhora das suas relações. Por esse motivo não lhe era conveniente dar-se a conhecer, visto que na Trindade o esperava outra senhora... das suas relações. Como a época era propícia, optou pelo «domínio», e foi ao baile convencido da invulnerabilidade do seu distarce.

Porém, quando ia a entrar surpreendeu-o o cumprimento cerimonioso do porteiro: «Boa noite, senhor Esculápio. Entros, dançou, deu largas ao seu espírito alegre, mas surpreendiam-no, a cada passo, as saudações dos amigos: «Adeus, ó Esculápio! Adeus ó Esculápio!».

— Como podiam conhecê-lo, se ele estava embulhado num farto «domínio» prôto?

— «Adeus, ó Esculápio! Estava desmascarado. Era inútil a incómoda indumentária... Tirou-a, e qual não foi o seu espanto quando vê escrita a giz, nas costas da sua máscara invulnerável, esta frase indescritiva: «Este é o Esculápio!».

— Não pudemos conter as gargalhadas. Mais uma pergunta, doutor: Entre os géneros que seu pai culti-

O Dr. Eduardo Fernandes Júnior, advogado, humorista e ex-artista de cinema. Lembrom-se dele na «Mário Papoula»?

EM cada século, esta Lisboa múltipla de aspectos, oferece-nos um tipo que, no seu simbolismo, a sintetiza.

No nosso século coube a Esculápio perfil, os traços dominantes que vinculam a nossa capital e lhe emprestam um cunho verdadeiramente típico.

Esculápio era Lisboa. No traje, uma evocação da Lisboa dos tempos do mazante e do gabão de Aveiro, das paródias fora de portas entre fados e toiros; no espírito, o bom humor e a crítica oportuna casavam-se com o sentimentalismo chorado das guitarras num retrato soberbo da alma lisboeta.

Por isso Lisboa inteira o chorou como chorou Elmano. Em ambos a ironia e o sentimento, o lirismo e a sátira, permeavam num equilíbrio que lhes dava graça e lhes vinco uma personalidade eternamente viva na memória do povo.

— «Meu pai tinha uma verdadeira admiração pelo nosso Bocage» — diz-nos o dr. Eduardo Fernandes, filho do saudoso Esculápio. — «A sua casa é um autêntico museu em que cada objecto, cada livro, nos fala do imortal poeta. Essa admiração espelha-se na ópera «O Bocage», que foi representada pelo grande José Ricardo, e no drama «A morte do

...

...

...

...

...

...

...



vava, nas letras, qual delas há mais adequado ao seu temperamento? — Meu pai cultivava um humorismo social que lhe saía sem esforço e deixava transparecer o seu coração plenamente. Quanto a mim, e o género que mais se quadrava com o seu temperamento.

— «Nas gazetinhas do «Século», no Journalism das ruas, em que era, digamos, o figurino do seu tempo, no teatro, especialmente nas revistas, esse humorismo surge-nos com um carácter verdadeiramente popular pela sua simplicidade.

— «Nas revistas que subiram à cena eu delectava-me com a graça, o humorismo irónico e o oportunismo que focava os acontecimentos que apaixonavam, então a opinião pública. O teatro e o Journalism eram as suas palcos».

— Novamente um sorriso anima a fisionomia do nosso entrevistado.

— Tão grande era a sua paixão pelo teatro que chegou a representar...

— Sim!

— Numa festa de jornalistas, por alturas da outra guerra, meu pai interpretou, em travesti, a apaixonada do conde de Danilo, na ópera «A Viova Alegre». Como tinha a voz muito grossa, nas partes de canto limitava-se a fazer gestos e a mover os lábios, enquanto nos bastidores girava num gramofone um disco da ópera.

— Foi assim que terminou a agradável entrevista com o dr. Eduardo Fernandes, selada com um cordial aperto de mão, daqueles que estalam ossos e criam amizades.

Quando a saúde de alguém nos consome e nos tortura, haverá melhor hábito do que ter quem nos recorde o ente querido que choramos.

Lisboa chora a morte dum homem que conquistou, além dum brilhante lugar nas letras, uma enorme popularidade.

Não há recanto da nossa capital

que não tivesse conhecido, qual não chore, que não recorde Esculápio.

Por isso procurámos o dr. Eduardo Fernandes para nos falar de Esculápio. Ninguém melhor do que ele poderia fazê-lo, já pela sua cultura, já pela circunstância de ser seu filho.

O dr. Eduardo Fernandes não carece de apresentação. Quer como advogado, quer como jornalista, quer como actor cinematográfico, Lisboa de nós sabe-o conhece.

Não tanto como seu pai, evidentemente. Mas Esculápio — era uma excepção!

...

...

...

...

...

Esculápio quando interpretou a «Viova Alegre», numa récita de emodora. Note-se o extraordinária semelhança com o filho, o Dr.ª Emilia Fernandes.

Uma fotografia do álbum de família: Esculápio e sua mulher.

AS TERCEIRAS MADRILENAS:

"BENQUILINA" LITERARIA

UMA REPORTAGEM DE JOSÉ FIGUEIROA D'OLIVEIRA

A tertúlia do Pombo, onde se reúnem algumas das personalidades mais notáveis de Madrid

tos no livro da tertúlia a que hoje preside Sanz y Díaz na ausência de Ramón Gómez de la Serna. Na noite em que visitámos esta tertúlia estava presente o filósofo e ensaísta D. Eugénio d'Ors, grande amigo de Portugal e homem de excelente humor, pois em nossa honra cantou um duvidoso fado numa língua que tanto poderia ser catalão lusitano, como português catalunizado. O «monstrinho» da tertúlia, Ignacio María San Pedro, com as suas barbas negras e o seu resto cansado, não falava; esta ordem é-lhe transmitida sempre que lá vão forasteiros. Mas não podendo conter-se, falou-nos, como sempre, em verso:

*«Periodistas de Portugal?
Fazem no seo en elto el mal,
de que San Pedro lhes habie en nom-
bre del Criador.
Un fotógrafo? Si señor,
valiente arte la suya que retrata a
los demás
apretando un botoncito ahí detrás...»*

Tivemos de fugir. O «monstro» não nos largava...

E assim fomos parar aos «gatos», reunião de artistas — pintores e esculptores — que devem esse nome ao café onde discutem: «La Gata Blanca».

Os «gatos» estavam nessa noite pouco animados. Não podiam sassa-banhar-se a vontade porque umas urgentes obras que se estão realizando no seu café, tinham-o desviado para «Gran El Renar», onde agora, um pouco emoreceidos, «amiam» com menos força...

No «Castilla» havia pouca gente. O seu animador principal, Emilio Carrere, devia andar, a essas horas, pelas escuras vielas do velho Madrid conversando com os fantasmas do passado. Uns quantos actores e meia dúzia de actrizes. Depois, alguns artistas de circo que animaram novamente a tertúlia falando um castelhano que cheirava a tócas as línguas do Universo...

A tertúlia do «Layon d'Or» está de luto. Zuloaga, que, com Cossio e D'Ors compunham a alma do café, morreu há pouco. Como homenagem ao maestro, D. José María de Cossio ofereceu-nos uma reprodução de um dos últimos desenhos do mestre...

A «Juventud Creadora» reúne no «Gijón». García Nieto, Cela, Azcoaga, García Luengo, o Inglês Charles David Ley, Eugénia Serrano, José María de Vega, Julio Trenas, Modesto Higuera, Crespo e tantos e tantos outros, discutem, gritam, criticam. Os poetas fazem batistão enquanto que os críticos e os romancistas bertram...

Em «Las Caneles» costuma reunir uma tertúlia composta por autores dramáticos e actrizes. All'hi se reúne, recita-se, fala-se dos últimos êxitos, e não se admitem críticos. No Circo de Pricé há um grupo intitulado «Parnassio Literário circense» que, sob a presidência do gerente daquela casa de espetáculos, ouve as apaixonadas opiniões de Alfredo Marquerie ou escuta as frases rápidas de Covaleda, ou acaba por intentar descobrir os truques do último prestidigitador...

Don Jacinto Benavente, que agora percorre terras americanas com a sua Companhia teatral, costuma refugiar-se em «Ungarria», um salão de chá tranquilo, acalorador, elegante, onde não se ouvem os barulhos da «calles» de Alcalá e onde o «Prémio Nobel» semela as suas agudas opiniões hebreas da literatura dramática de todos os tempos.

Propositadamente quisemos delxar para o fim a mais jovem das tertúlias madrilenas: a do «Rana Verde».

(Continua na pág. 16)



Aqui no Circo Pricé também há uma tertúlia intitulada «Parnassio Literário circense».



Estes são os «Gatos» cavaleando serenamente

Neste recanto pontifica a tertúlia do Castilla.

QUANDO os homens reavermos reunindo-se em volta dumhas chávenas de café para discutir os seus assuntos, lança-se a primeira pedra do que haviam de ser as tertúlias literárias. Ninguém imagina «escrito desilgado» do café, como ninguém pensa num toureiro que desconheça o prazer de saborear boa «manzanilla» pelas «cañas» aguçadas, esbeltas, desbordantes de «Sol engrafado»...

As tertúlias madrilenas são quasi tantas como os cafés. Mas as tertúlias literárias e artisticas resolveram encastelarse em pouco mais de meia dúzia d'elles. Uns cafés, como o «Pombo» ou o «Layon d'Or», têm uma velha tradição literária que continua fiel aos seus princípios; outros, como a «Rana Verde», nasceram há pouco para essa actividade.

Literatos, jornalistas, actores, artistas plásticos, todo o pequeno-grande mundo do espirito resolveu refugiarse nos cafés e all, tendo à sua frente a aromática infusão, transmitir aos seus contertúlios as inquietações que o movem. E até foi inventado um fantasma, que, indiscriminadamente, torna públicos os ditos, mais ou menos espirituosos, de todos quantos frequentam essas reuniões. O tal fantasma — que ninguém conseguiu ainda descobrir — é «El Silencioso», nome que para seu uso particular inventou o cronista da revista «Las Estafetas Literarias». A esta misteriosa personagem devem-se não poucas zangas e sarilhos havidos entre escritores rivais ou entre artistas do mesmo género. «Tu, aproveitando a minha ausência, disseste isto ou aquilo», «já sei que a minha obra não é do teu agrado, mas podias não ser tão rude criticando-a publicamente». Estas frases, ouvidas por acaso, dizem bem o que se teme falar de coisas que possam chegar aos ouvidos do «Silencioso» que, sorrizadamente, está sempre presente em todas as tertúlias. As frases, desconhecidas até do velho amigo que sempre concordiou com a nossa obra...

As três tertúlias mais características de Madrid, reúnem nos cafés «Pombo», «Gijón» e «Castilla». A primeira, fundada por Ramón Gómez de la Serna, o genial humorista espanhol, preza-se de ter visto passar por elle os maiores «monstrinhos» do mundo. Nos seus livros de memórias estão escritas nas mais diversas línguas, e também nas mais diversas loucuras. Todos os sábados, com pontualidade de funcionário cumpridor do seu dever, os «pombanos» e os seus convidados, assinam o respectivo «pon-

INFORMAÇÃO GRAFICA DE JORGE GARCIA

poucas palavras a morte do «Sr. Zacarias».

— Já agora quero aproveitar o ensejo para perguntar mais algumas coisas, pois sendo, como foi, grande admirador dele, tenho muito interesse em traçar, embora brevemente, a sua biografia. Sabe dizer-me alguma coisa a tal respeito?

— Sim, mas oñora que ela é bem curta. Dighe-lhe, por exemplo, que fazia, no dia 28 do próximo mês de Fevereiro, 9 anos de actividade ao microfone de Rádio Clube, se fosse isto, claro está; que foi nos primeiros micros de antigas estações C.T.I.D.H., de Lisboa, e ORSEC, do Porto; que colaborou em algumas festas, salientando-se numa realizada no Porto, organizada pelo semanário infantil «O Sembrar Douro», em que foi o principal animador por não haver mais ninguém na ocasião que o pudesse igualar.

— Sabe qual eram as preferências dele, isto é: que mais gostava de interpretar?

— Por acaso sei. Disse-me várias vezes em conversas que tivemos. Duma maneira geral, o «Zacarias» gostava sempre de tudo quanto interpretava em R. C. P., à excepção de peças a sério. Tinha sempre declarada, dificuldade em dar expressão necessária, dizia-se com falta de jeito, não se sentia bem. Onde ele se sentia à vontade, ou antes, com menos receios, foi sempre na interpretação de diálogos da autoria de José Cosme, nas piadas cheias de humorismo escritas pelo mesmo autor, especialmente naquelas em que aparecia surdo.

— Sim, estou certo que foi nessas interpretações que ele se tornou conhecido. E diga-me: também cantou umas coisas cheias de graça.

— Pois certo.

— E que tal?

— Eu lhe digo: lá gostar parece que não des gostava, mas isso requeria ensaios e o homem não tinha tempo, devido à sua vida profissional (sim, porque o «Zacarias» era amador em todo, aparte na sua profissão) — o «Zacarias» no contrário do que muita gente tem suposto, não é doutor, é um simples secretário!; mas, como eu lá a dizer: faltava-lhe tempo e, além disso, via-se afilto porque não sabia música.

— E que pensa a quem, a respeito da Rádio cá da terra? Alguma vez calhou falarem nisso?

— Há coisas com chiste. Por acaso trago aqui na carteira, por recordação, uma espécie de artigo que ele notava em vez para ser publicado no meu jornal, mas que, afinal, não chegou a sair porque a publicação acabou. Pronto, aqui tem a relação das perguntas e respostas.

— Dirigi-lhe a quem de direito a respeito dos mortos porque são os mais esquecidos, e direi que todos quantos conheci de perto me agradaram muito. Refiro-me a Henrique Samorim, António Gonçalves e Branca Extremadouro. Cada um no seu género, foram, sem dúvida, valiosos elementos da nossa Rádio.

— «Do que ainda vivem mas não se ouve», queria destacar também três que sempre me entusiasmaram: Anita Patrício, José Castello e Luís Pígarra.

— Um outro que seria ingrátido não falar, também esquecido: Alberto Cosme, o «Sr. Barata», meu antecessor. São nomes que se pronunciam com tanta intensidade sonora...

— Agora dos que tenho o prazer de escutar, com mais ou menos frequência, citarei, entre outros, Djalma

Meirivés, Maria Doroteia, Maria Lemos e Dina Alves.

— Locutor — o n.º 1, sem hesitações, Fernando Pereira.

— Locutora — a que mais me agrada, Mary.

— Cantoras — Maria Eugénia e Maria Gabriela.

— Cantora de fados — Maria Teresa de Noronha.

— Recitadoras — Carmen Dolores e Justa Matos e Maria Carolina Sereza.

Na interpretação de peças (não incluo actores) gosto de ouvir: Lança Moreira — e Jaime da Silva.

— Músicas: lembro-me, por exemplo, de quatro actores que aprecio bastante. O primeiro está que não aqueles que mais escuto — e refiro-me a música lizeta de Moreira Helena, Maria Irene Pereira, José de Oliveira Cosme e Carlos Araújo, também sem preocupação de ordem.

— Produtores: gostaria que considero mais completo e que mais tem trabalhado, sem dúvida, para a Rádio em Portugal é, no meu fraco entender, o Sr. Alberto Cosme, Sr. Injustiça não o dizer.

— E aqui tem tudo quanto sei do nosso «Rádio Clube Português».

— Muito, mas ainda gostaria saber mais que coisas: Acaso ouviu-lhe alguma vez contar qualquer episódio curioso que valha a pena formar conhecido dos leitores?

— Que me lembre, deram-me em alguns casos interessantes dignos de serem divulgados. Um, contou-o o senhor Humberto de Mergulhão, e os outros dois resumem-se em poucas palavras.

— «Eu lhe conto: Foi o caso de um sujeito que lido acompanhar o funeral de um amigo, a meio do trajecto passou pelo relógio e vendeu que, se fosse até ao fim, não teria tempo de estar em casa para ouvir, desde o princípio, a emissão retransmissa do R.C.P., despediu-se do morto dizendo: «Adeus, já cumprí o meu dever. Agora vou cumprir outro...»

— Segundo caso: Uma tarde estava no bairro «Zacarias» a trabalhar na sua repartição, apareceu-lhe um contínuo que lhe anunciou: «Está lá dentro o Sr. de espera uma senhora que lhe deseja falar.»

— O «Zacarias» dirigiu-se à sala de espera e encontrou com uma senhora de idade, simpática e extraordinariamente delicada que, tratando-o por V. Ex.ª, lhe falou como sabe, vão realizar-se uns exercícios aéreos. Dizem que não é a sério, mas eu confesso, ando algo preocupado. Pelo sim, pelo não — não vá haver alguma coisa — está-me a mal com a minha consciência se não lhe disser que um abraço de agradecimento pelos momentos de espera que me proporcionou...»

— Sim, senhor, tem graça. E diga-me, finalmente, «Sr. Zacarias», perdão, senhor Pereira e Sousa: Sabe se ele deixou testamento?...

— Pois deixou, mas limitou-se a escrever poucas linhas, apenas isto: «Quando eu morrer quero que se atribua um dia toda gratuita. Era emprestada por José de Oliveira Cosme. A ele se devem todos os meus sucessos...» — a) «Zacarias».

— Assim se fez uma história e se adquiriu uma certeza: a de que João Pereira e Sousa poderá voltar um dia ao microfone, não nunca na «pele» do «Sr. Zacarias» — porque está, provou-se agora, está bem em...



O QUE NOS DISSE JOÃO PEREIRA E SOUSA

Leitor recorda-se... Quem não se recorda, afinal! Nas emissões infantis, depois recreativas do Rádio Clube Português, havia nomes que conquistaram um público certíssimo, que conseguiram fazer sorrir, mesmo quando a «conversa» não tinha graça por al além de Henrique Samorim, sua intuição que a morte tão cedo arrebatou, José Castello, o sr. Barata, o sr. Zacarias e o Cosme. Grande elenco, belas emissões, que fariam inveja a muitas de hoje.

Todos aqueles elementos foram desaparecendo das emissões do Cosme. Ficava apenas o sr. Zacarias, que nos diálogos com o organizador dos programas, tinha um chiste especial, tinha mesmo personalidade.

Mas, há semanas, o «Sr. Zacarias» deixou de se ouvir. Porquê? Adoeceu? Abandonou o microfone? Um nosso redactor, numa conversa travada num café, ouviu dizer que o «Sr. Zacarias» fora expulso... Podia lá ser? Porque o assunto era de actualidade e interesse, decidiu esclarecê-lo.

Procurou, para o efeito, João Pereira e Sousa, o «Sr. Zacarias» — é próprio... — Afinal, o que se passou?

— Nada de extraordinário nem de misterioso. Conta-se até em poucas palavras... — Vamos lá então ouvir...

— Pois o caso em si — e como já disse, banalíssimo — se é de revolta de mistério deve-se — julgo eu — apenas ao facto de R. C. P. não ter dado qualquer explicação aos muitos ouvintes sobre o desaparecimento do «Sr. Zacarias». Daí o aventarem-se hipóteses e inventarem-se razões. Mas não há nada de especial. Foi só isto: O «Sr. Zacarias» morreu porque

quis. Posso mesmo afirmar que se suicidou. Segundo ele me disse, instantes antes de se ficar, claro está, alguns ouvintes amigos disseram-lhe que de há um tempo a esta parte lhe notavam um certo enfraquecimento na actuação, uma *atenia* e *depeucamento de laracha*... Tantas vezes lhe fizeram tais reparos que ele, cansado, *sucumbiu*...

— Dirigi-lhe a quem de direito a dar conhecimento do *suicidio* e, pronto, lá se foi...

— Mas acha que essa seria a opinião geral?... Não teria havido, por parte dele, uma certa precipitação em acabar assim tão cedo com a vida... radiofónica?

— Isso não sei. O que ele me disse foi que as opiniões eram sinceras por serem ditas por pessoas amigas, ouvintes que se lhe dirigiaram directamente...

— E a dar crédito a essas opiniões, se de facto ée vinha apresentando ultimamente essa *fraqueza*, como a explica? Quero eu dizer: a que atribuir tal *depozamento*, essa *debilidade* de bom humor?

— Bem vê: há coisas tão difíceis de compreender que são, portanto, impossíveis de explicar. E o caso presente. Mas suponho que o *comocido* se deva à grande neurastenia de que é sempre sofreu tanto.

— O quê, o «Zacarias» era neurasténico?

— Pois errei! Sabe lá o que é pa-deço... — Murta me conta... E eu a julgá-lo sempre bem disposto, alegre, risinho...

— Está enganado; muito enganado mesmo. O «Zacarias» quasi não sorria... — Quem havia de dizer!... — E pronto, aqui tem contada em

Casa da Utilidade

CRITICAS DE MENÇAO DOS MELHORES PREÇOS

RECOMENDADA PELOS DONOS DE CASA

MEMBRE

NOVIDADES

OMALHO SORTIDO EM LOUCAS, VIDEOS TAUBESITIC.

Celigos propous para bunde

TELEPHONE 26652 = 52, R. IVENS - 54 - CHALOU - TELEPHONE 28612

BALANÇO DE FIM DE ANO

POR FERNANDO FRAGOSO

MIL noventa e quatro e cinco foi ainda, para a cinematografia nacional, um ano de guerra. Um ano inteiro sem o filme virgem indispensável às exigências do mercado. Dai a impossibilidade de transformar em realidade os mil e um projectos que adeiraram, durante os doze meses do ano, em torno das páginas das revistas e jornais, sob a forma da clássica entrevista cheia de revelações ou da notícia a atrair a curiosidade do capitalista cinéfilo.

Três filmes se apresentaram até à data a que escrevemos! E sublinhamos a ressalva, pois assegurase que, até final do ano, «Sonho de Amors» fará uma tentativa para se estreiar na Província e poder concorrer, deste modo, aos prémios do S. N. L. Ohandu o calendário, no momento em que escrevemos, verifica-se que ainda é possível. E quando esta notícia vier a lume, o leitor já saberá.

Os outros filmes estreados foram: «A Vizinha do Lado», de António Lopes Ribeiro; «A Noiva do Brasil», de Santos Mendes; e «O José do Telhado» de Armando Miranda. Em produção, continuam, além da película de Carlos Porfírio: «Ladrão, precisa-se», de Jorge Bran do Fante; «Camões», do Trinca-Fortes; de Leitão de Barros; «Cais Sodré», direcção do cineasta espanhol Alexandre Perla; «O Homem do Ribatejo», agora em vias de encontrar finalmente o seu destino; «Matinée à 4», de Santos Mendes, que ainda não passou do papel — e pouco mais que nos lembra.

O balanço não é animador. É certo que muito poderemos esperar de alguns filmes, e não nos parece desabitado que «Camões» é a maior produção empreendida até hoje pela nossa cinematografia e que ela só por si, — o futuro o dirá! — lhe poderá dar a glória da maioridade! Mas a par destas notas de optimismo que o panorama nos oferece, muitas outras, que nada têm de louvável, obscurecem no cada passo.

Em matéria de «fazer fitas», andamos para trás. Adeus preparações organizadas, orçamentos cuidados, planos de trabalho criteriosamente orientados! Tudo aquilo que tanto custava a conseguir, os únicos elementos capazes de dar solidez à indústria, foram banidos como coisas inúteis. Tornámos, deste modo, aos filmes que não se sabe quando começam e menos ainda quando se acabam... Tornámos às suspensões de trabalho para arranjar novos capitalistas, pois o filme que se julgava castar mil, verificou-se que a meio já consumira a soma respectiva. Tornámos à levandade, à incompetência, à inessaries.

Falamos, evidentemente, dum modo geral. Porque nem todos, felizmente são inessaries, incompetentes ou levianos. E muitos entendem que não é possível trabalhar na desordem e no caos. Mas o Cinema é uma máquina complicada. E quando todas as peças não jogam certo, o desastre pode considerar-se inevitável. E, na voragem, vão os bons e vão os maus. Ninguém se salva — e ninguém pode ter mão, no curso dos acontecimentos.

Estas palavras podem ser duras, pessimistas, desagradáveis. Não visamos ninguém, individualmente. Apontamos a lição dos factos. E todos sabem que salvo raras excepções poucos filmes produzidos no ano corrente estarão isentos, no todo ou em parte, destes peccados de produção.

Mil noventa e quatro e cinco, deste modo foi um ano que não nos deixou satisfeitos. Oxalá, a cinematografia nacional possa, a partir de agora, tomar novo rumo. E se o fizer, outros, serão, certamente os seus destinos.



Eugénio Salvador (Chico Banata), Oscar Acúrcio (Paxelim) e Barreto Poeira (Mestre Estivador), numa cena do novo filme português «Cais do Sodré».

UM NOVO FILME PORTUGUÊS CAIS DO SODRÉ

PROSSEGUEM activamente, sob a direcção do cineasta espanhol Alexandre Perla, os filmes de «Cais do Sodré», um novo filme português, o primeiro que entre nós se produz no sistema cooperativo, realização a todos os títulos simpática e que vem provando de maneira admirável.

A história passa-se entre gente da Ribeira de Lisboa, pescadores e populares, e tem como fundo ísis Tejo maravilhoso, através do emaranhado das velas e dos mastros das elegantes embarcações que sulcam as águas, onde a cidade acastelada se mira como num espelho. Nos principais papéis teremos Barreto Poeira, Virgílio Teixeira, a vedeta espanhola Ana Maria Campoy, Julieta Castelo, Costinha, Vital dos Santos, Eugénio Salvador, etc. E em figuras de relevo, Oscar Acúrcio, assistente de tantos e tantos filmes portugueses, e que agora actua, pela primeira vez, como intérprete; e Carlos Otero, que regressa à tela após longa ausência, e depois de em «Lóbas do Serras

ter dado magníficas provas do seu talento.

«Cais do Sodré», filme de novos realizado por novos, é uma iniciativa cuidadosamente estudada e que podemos aguardar com confiança.

Vai filmar-se em Torres Novas a batalha de Alcácer-Kibir

DENTRO de breves dias, vai filmar-se uma das cenas mais complexas até hoje feitas em Portugal. Trata-se nada mais nada menos do que a reconstrução da batalha de Alcácer-Kibir e a morte de D. Sebastião, para o filme «O Trinca-Fortes», de Leitão de Barros. Para esse efeito, agrupar-se-á em Torres Novas quasi uma divisão de cavalaria, tropas de engenharia, ligações e comunicações militares e outros serviços auxiliares. As ordens de comando serão transmitidas pela rádio e a estratégia da batalha, embora esta ocupe no filme apenas alguns minutos, foi estudada por técnicos histórico-militares.

O filme encontra-se virtualmente pronto. A equipa de «O Trinca-Fortes» trabalha agora nos estúdios da Fóbia, os únicos que dispõem de aparelhagem de transparência, indispensável para obter os efeitos que muitas cenas requerem.

Neste recanto da sua casa, Errol Flynn pode evocar algunos das mais belas viagens, através das recordações exóticas que figuram nos estantes e escaparates. Grande apaixonado da pintura (os livros que vemos por baixo do quadro são consagrados aos grandes Mestres), Errol Flynn guarda religiosamente, com uma precisão, a grande tela de Gauguin, pintado pelo artista-solitário no Tahiti, e ao lado da qual esposa com legitimo orgulho.



3 QUADROS DA HISTÓRIA DA MEDICINA



Trepanação neótica. Fazia-se um buraco no crânio do doente, para livrá-lo do demônio.



A cirurgia no seu forme mais primitivo

I QUADRO PRÉ-HISTÓRIA

1 trepanador chegou, acompanhado pelo sumo sacerdote e pelo chefe da tribo.

As mulheres, cobertas de peles de animais, olhavam, chorando silo, para o rapaz que se contorcia, estendido no chão.

O pai, de olhos tristes, contou: — Os demónios entraram na cabeça do meu filho. Por mais danças e rezas que fizéssemos, eles não quiseram sair.

— Sim, respondeu o trepanador. É preciso abrir-lhe a cabeça para que eles a abandonem. Só deste modo deixará de sofrer.

Deram início à operação. Amarraram os braços e as pernas do doente e encostaram-lhe a cabeça a uma pedra.

Os magécos fizeram uma roda em volta do enfermo, entoando um lamento religioso e acompanhando-o com um movimento lento dos corpos.

O trepanador, de repente, com uma pedra sfiada, deu-lhe um golpe no couro cabeludo. Depois, limpou o sangue com mangos amassados e, com madeira em brasa, queimou-lhe a ferida, para que o sangue estancasse.

O doente gemia.

O osso, agora, estava à vista. O trepanador começou a perfurar-lhe o crânio com uma das pedras afiadas, no meio de gemidos e contorções do enfermo.

O sacerdote que assistia à operação avançou e foi deitar-lhe nos lábios umas gotas de vinho de plantas selvagens. Essa bebida, a pouco e pouco, iao adormecendo, de modo que as dores iam-se esvaindo lentamente.

A ferida foi tapada finalmente com musgos molhados e o doente, após ter sido transportado para a caverna, ficou dormindo por algum tempo. Mas uma agitação febril não tardou a chegar. Da ferida começou a escorrer um líquido estranho. O sacerdote ficou contente, pois, para ele, não podia surgir melhor indício: os espíritos maus entravam na agonia. E, para que morressem mais rapidamente, deitou vinho sobre a ferida.

Passado tempo, o doente começou a sentir-se melhor. Todos, contentes, acreditaram que os demónios tinham morrido, ou que lhe tinham abandonado a cabeça para sempre.

Dois anos passaram sobre a vida igual da tribo. Os espíritos maus não mais o incomodaram.

Mas, num dia de tristeza para todos, eles surgiram novamente. E enquanto o rapaz se agitava em convulsões dolorosas, o trepanador foi chamado uma vez mais. Outro buraco aberto. O tempo de novo passou e a doença pareceu curada.

Uma tarde, porém, os homens da tribo voltaram da caça e ele não chegou. Afritos, correram a floresta à sua busca.

E foram encontrá-lo estendido no chão, já sem vida.

(Continua na pág. 16)



Esta é já uma operação moderna

prefira SHEAFFER'S

a caneta de tinta
permanente
de fama
mundial

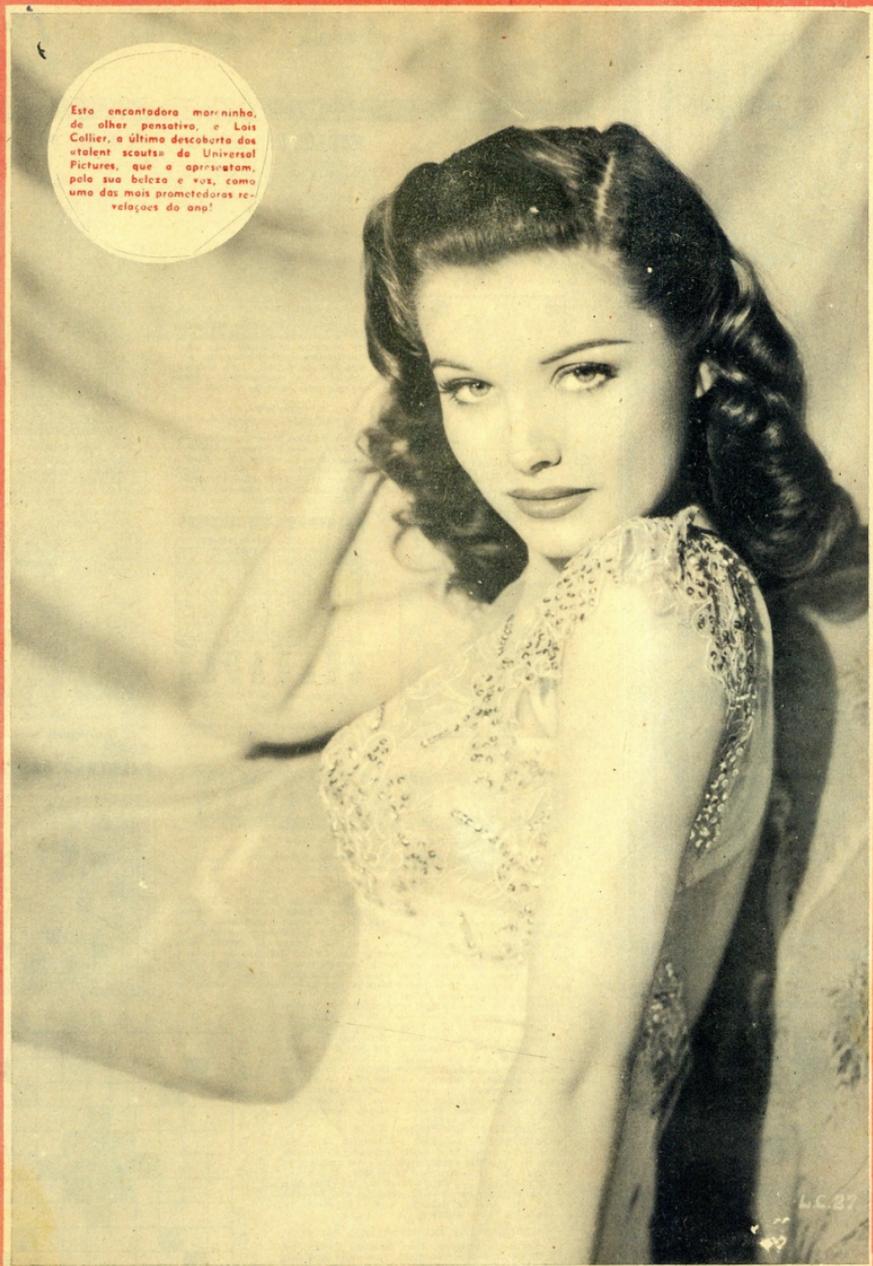


Skrip

O SUCESSOR DA TINTA

DISTRIBUIDOR PARA PORTUGAL:
AZEVEDO & DUARTE, L.^{DA}
RUA DO CRUCIFIXO, 76, 1.º - LISBOA - T. EF. 26297

Esta encantadora moçoinha,
de olhar pensativo, é Lois
Collier, a última descoberta dos
utalent scouts da Universal
Pictures, que a apresentam,
pela sua beleza e voz, como
uma das mais prometedoras re-
velações do ano!



L.C. 27

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA EMENDA, 69 2.º - LISBOA - TELEFONE 2 5844
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), LTD.
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27